



VANESSA CHICONELI LIPORACI

A PROVIDÊNCIA NOS INTERSTÍCIOS DAS HISTÓRIAS

ROSIANAS



VANESSA CHICONELI LIPORACI

A PROVIDÊNCIA NOS INTERSTÍCIOS DAS HISTÓRIAS ROSIANAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Teorias e crítica da narrativa

Orientador: Prof. Dra. Maria Célia de Moraes Leonel

Bolsa: CAPES

Liporaci, Vanessa Chiconeli

A providência nos interstícios das histórias rosianas / Vanessa
Chiconeli Liporaci – 2008

104 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade
Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de
Araraquara

Orientador: Maria Célia de Moraes Leonel

1. Análise do discurso narrativo. 2. Contos. 3. Providência divina.
4. Rosa, João Guimarães, 1908-1967. 5. Simbolismo na Literatura.
I. Título.

Aos meus pais, ao meu irmão e à minha madrinha, pessoas iluminadas.
Aos meus avós e ao meu eterno professor André, pessoas encantadas...

AGRADECIMENTOS

- À minha orientadora Maria Célia de Moraes Leonel, pela amizade, pelo exemplo profissional e pela dedicação.
- À professora Cleusa Rios Pinheiro Passos e aos professores Luiz Gonzaga Marchezan e Adalberto Luis Vicente pela imensa contribuição para o desenvolvimento deste trabalho.
- Aos funcionários do Instituto de Estudos Brasileiros da USP pela ajuda durante a pesquisa e pela digitalização do material requisitado.
- À CAPES.

RESUMO

O presente trabalho concentra-se no levantamento e análise das diferentes formas de atuação da providência divina em quatro contos de Guimarães Rosa: “Substância” e “Seqüência” integrantes de *Primeiras estórias* de 1962, “A estória do Homem do Pinguelo” que se encontra no livro póstumo *Estas estórias* de 1969 e “Arroio-das-antas” presente em *Tutaméia* de 1967. A escolha desses contos deve-se ao fato de eles apontarem, de forma exemplar, a existência de uma força providencial capaz de alterar o rumo dos fatos e da vida das personagens neles envolvidas. Tomamos como ponto de partida a idéia de que é essa providência que move a ação nas composições selecionadas e procuramos analisar o modo como o escritor articula todos os elementos da narrativa, conduzindo-a ao momento da ação providencial, ou seja, à mudança aparentemente brusca que se dá na vida das personagens graças à influência de uma força superior ordenadora. Com uma estrutura singular e linguagem poética, Guimarães Rosa cifra a disseminação da ação providencial nos interstícios das histórias de Sionésio e Maria Exitá, da vaquinha pitanga e o filho de Seo Rigério, de Seo Cesarino e Pedro Mourão e de Drizilda e das velhinhas. Sendo assim, trabalhamos com a idéia de que essas quatro narrativas alegorizam, de maneiras diferentes, um mesmo sentido que transcende as histórias em questão.

Palavras – chave: Guimarães Rosa. Narrativas curtas. Providência. Alegoria.

ABSTRACT

This paper concentrates on the data collection and analysis of the different ways of acting of the divine providence in four short stories written by Guimarães Rosa: “Substância” and “Seqüência” belonging to *Primeiras estórias* of 1969, “A estória do Homem do Pinguelo” which can be found in the posthumous book *Estas estórias* of 1969 and “Arroio-das-antas” in *Tutaméia* of 1967. The choice of these short stories is due to the fact that they point, exemplarily, to the existence of a providential strength which is capable of changing the direction of the facts and of the lives of the characters involved in them. As a starting point, we take the idea that this providence moves the action in the selected compositions and we analyze the way in which the writer articulates all the elements of the narrative, conducting it to the moment of the providential action, in other words, to the apparently abrupt change that happens in the lives of the characters due to the influence of a superior ordering strength. Having a unique structure and poetic language, Guimarães Rosa codes the dissemination of the providential action in the interstices of the stories about: Sionésio and Maria Exitá; the little red cow and Seo Rigério’s son; Seo Cesarino and Pedro Mourão and Drizilda and the old ladies. Taking this into account, we work with the idea that these four narratives allegorize, in different ways, the same meaning that transcends the stories in question.

Keywords: Guimarães Rosa. Short stories. Providence. Allegory.

Sumário

Introdução	09
Capítulo 1	
1.1 A providência divina: as forças que regem o mundo	19
1.2 A alegoria	26
Capítulo 2	
2.1 Providência: a substância primeira	32
2.2 A disseminação da ação providencial	36
2.3 O pássaro como símbolo de espiritualização.....	45
Capítulo 3	
3.1 O “mel do maravilhoso”: a ação providencial em “Seqüência”	48
3.2 A viagem redonda	50
3.3 A providência como macrocosmo	53
Capítulo 4	
4.1 No Arroio, a mediação das santas	58
4.2 A metáfora da flor	63
Capítulo 5	
5.1 O “Homem do Pinguelo”: a figura do invisível	71
5.2 A instauração do mistério	76
5.3 A sugestão da providência	77
5.4 Sugestivos narradores	79
5.5 A estratégia das falas	86
Considerações finais	94

Introdução

Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. (ROSA, 1982, p. 15)

A noção de providência divina passou, no decorrer do tempo, por diversas fases – algumas de aceitação, outras de recusa – de acordo com a mudança de pensamento da população da época. Com o avanço da burguesia, a crença em uma força ordenadora parecia ter chegado ao fim porque os homens passaram a reconhecer os fatos de suas vidas como mera consequência de seus atos e, sendo assim, sentiram-se capazes de controlar tudo o que lhes ocorreria. Bernhard Groethuysen (1943, p.323), autor de *La formacion de la conciencia burguesa*, afirma que “*el burgués ha hecho el intento de regular la vida excluyendo en la mayor medida posible todo lo desconocido.*”, com isso, tudo passa a ser visto como algo calculável e previsível aos olhos dos burgueses. Segundo Groethuysen (1943, p. 324)

El nuevo hombre económico proclama [...] su independencia frente a la divina Providencia. Trabajo, fruto, riqueza, forman un conjunto cerrado en sí. Ya no se necesita aquí de explicaciones trascendentes, de intervención de un poder divino.

creemos efectivamente o no em una divina Providencia” (GROETHUYSEN, 1943, p.319).

Portanto, para acreditar nessa força universal é preciso que o homem acredite também no fato de que ela se manifesta, de forma particular, em cada ser.

Para a realização deste trabalho, tomamos como norte o conceito de providência divina para S. Tomás de Aquino, segundo o qual

[...] deve-se dizer que a providência está no intelecto, mas pressupõe a vontade do fim, pois ninguém prescreve as ações a executar em vista de um fim se não quer este fim. Por isso, a prudência pressupõe as virtudes morais pelas quais a faculdade apetitiva se orienta para o bem. (AQUINO, 2001, p. 440)

Veremos no decorrer do trabalho que a noção de providência divina adotada não é fatalista – no sentido de deixar tudo nas mãos de Deus e não se preocupar com mais nada – mas envolve tanto a fé quanto a razão pelo fato de estar relacionada tanto à resignação e à entrega diante do que é imposto por Deus, quanto a tudo aquilo que o homem pode fazer no seu papel de colaborador da ação providencial.

A crítica já identificou a importância da vontade nas personagens rosianas e chegou, basicamente, à conclusão de que o desejo de mudança é fator primordial para que a mudança – seja ela analisada como decorrente da providência ou não – ocorra. Portanto, é no intuito de dar continuidade a esses estudos críticos que, neste trabalho, levantamos e analisamos as formas de atuação da providência divina em quatro contos de Guimarães Rosa: “Substância” e

analisar o modo como o escritor articula todos os elementos da narrativa, conduzindo-a ao momento da ação providencial, ou seja, à mudança aparentemente brusca que se dá na vida das personagens graças à influência de uma força superior ordenadora.

Com uma estrutura singular e linguagem poética, Guimarães Rosa cifra a disseminação da ação providencial nos interstícios das histórias de Sionésio e Maria Exita, da vaquinha pitanga e o filho de Seo Rigério, de Seo Cesarino e Pedro Mourão e de Drizilda e o Moço, sua “paixão para toda a vida”. Sendo assim, essas quatro narrativas alegorizam, de maneiras diferentes, um mesmo sentido que transcende as histórias em questão.

A crítica aponta constantemente para o fato de as obras de Guimarães Rosa representarem buscas ou reflexões acerca de questões universais para as quais não há resposta única e definitiva. Isso, porque, em suas obras, Guimarães Rosa desenvolve temas como a fé, a religião, a morte, o destino, entre outros, todos de maneira muito sutil, de forma exemplar, mais sugerindo que afirmando e, com isso, ele leva o leitor à reflexão. Foi principalmente devido a esse caráter transcendente da obra rosiana que optamos por analisar a ação providencial em algumas de suas narrativas curtas. Sendo assim, as narrativas rosianas apresentam-se como estruturas abertas, dentro das quais a dúvida é sempre reintroduzida a partir de novas sugestões. Levando em consideração o fato de essas histórias interrogarem o mundo, podemos concluir que, para tanto, fez-se necessária uma linguagem também voltada para a indagação e não para a simples afirmação, ou seja, uma nova expressão capaz de

Esses fragmentos de metal engastados em uma matéria disforme, esses cristais de aparência esquisita devem adquirir todo seu brilho através do trabalho inteligente. É um trabalho dessa natureza que realiza o verdadeiro poeta.

Nos contos em questão, o trabalho com a linguagem resulta na estruturação de dois discursos, poético e discurso da narrativa, que se complementam e que provocam o efeito de estranhamento aos olhos do leitor. Este último é, portanto, sempre convidado a sair do lugar comum, a se arriscar nesse universo singular elaborado pelo escritor, para que possa ver as coisas por ângulos diferentes daqueles do dia-a-dia, em busca do sentido (ou sentidos) do texto. É por meio da alternância desses dois discursos que, segundo Lefebvre (1980, p. 155) “o código dos símbolos vem estruturar a prosa e poetizá-la”.

A poesia desautomatiza o discurso da narrativa, insere-o em um estado poético e “nada do que se passar nesse estado estará resolvido, acabado, abolido por um ato bem determinado” (VALÉRY, 1991, p. 209). Valéry (1991, p. 212) também aproxima e distancia prosa e poesia ao compará-las respectivamente ao andar e à dança, uma vez que enquanto “prosa e poesia servem-se das mesmas palavras, da mesma sintaxe, das mesmas formas e dos mesmos sons ou timbres, mas diferentemente coordenados e excitados”, o andar e a dança se servem “dos mesmos órgãos, dos mesmos ossos, dos mesmos músculos, diferentemente coordenados e excitados”.

referente é “um objeto de pensamento, sensação ou representação mental, resultado de todas as experiências” (LEFEBVE, 1980, p. 159) do enunciatário; o referente, portanto, se aproxima do mundo, não é o mundo. O significado referencial é aquele “em que uma certa experiência que possuímos do objeto surge lembrada, recriada, reativada: já não é uma simples noção evocada pelo significante, resulta de uma intenção virada para as coisas, de uma aproximação concreta do mundo.” (LEFEBVE, 1980, p. 161)

A linguagem literária desliga as palavras do contexto prático e faz com que chamem a si toda a experiência que o leitor tem a respeito desses referentes, portanto, Lefebve chama nossa atenção para a importância de darmos à palavra o sentido de reativação da nossa experiência do objeto. Segundo ele:

No discurso poético, o fato de o significado ser separado do seu referente prático não faz dele um mundo em si suficiente e dotado de uma pureza simultaneamente serena e gelada. Pelo contrário, essa ruptura permite à obra abrir-se sobre a totalidade da nossa experiência, mas destacando dessa experiência, por isso mesmo, o que ela tem de essencial. O desvio pelo imaginário não se justifica, pois, senão na medida em que gera um apelo da Realidade, interrogando o mundo sobre a sua verdadeira presença no pôr em questão que faz o seu ser. (LEFEBVE, 1980, p. 165)

No caso de Guimarães Rosa, vê-se que a linguagem poética torna-se essencial ao autor, pois nela o significado se separa de seu referente prático e abre a obra para inúmeras possibilidades de leitura. Além do mais, é através da linguagem poética que o autor constrói

Sendo assim, no discurso da narrativa o referente que faz apelo à experiência que possuímos do mundo não deixa de existir, apenas recua para trás da diegese porque é nossa experiência que ela vai atualizar. Portanto, enquanto na poesia o discurso reenvia diretamente à experiência de mundo, o discurso da narrativa apresenta a diegese como suporte para fazer o mesmo, o que leva Lefebvre a concluir que “Discurso da poesia e discurso da narrativa, embora com estruturas diferentes, operam da mesma maneira e são capazes da mesma poesia” (1980, p. 167). É essa relação entre discurso da poesia e discurso da narrativa que pretendemos levantar e analisar nos contos selecionados através das imagens e metáforas empregadas pelo autor no processo de alegorização.

No discurso da narrativa, a inserção do percurso que transcende a simples trajetória descrita na diegese dá-se através do relato poético da mesma, pois é por meio do discurso poético que a diegese nos remete àquilo que se encontra por trás dela. A linguagem da poesia é responsável pela cristalização característica dos contos em questão, tornando-os menos acessíveis ao primeiro contato e, portanto, exigindo do leitor uma maior atenção para a linguagem condensada com a qual são construídos. Essa linguagem é característica da poesia e é empregada pelo autor devido à sua força sugestiva e à magia que a cerca.

O caráter sugestivo das narrativas rosianas de modo geral no que se refere à ação da providência e, principalmente, daquelas que analisamos neste trabalho, nos permitiu entrever uma possibilidade de aproximação concreta do mundo no que se refere às influências das

elaboração de suas obras. Dois livros do padre Antonin Gilbert Sertillanges – *Devoirs* e *Affinités* - , um dos maiores seguidores da filosofia tomista, são encontrados na biblioteca de Guimarães Rosa. Suzi Sperber afirma que apenas um deles, *Devoirs*, de 1936, possui anotações do escritor, todavia, ao examinar esse material na biblioteca de Guimarães Rosa, constatamos que ambos os livros mereceram anotações e trechos sublinhados. Além disso, no segundo, há um capítulo sobre a providência divina que apresenta grifos e que veio, portanto, confirmar nossa hipótese a respeito da possível influência da crença na ação providencial nas obras de Guimarães Rosa.

Os indícios da crença do escritor na força da providência divina encontram-se nos contos selecionados e nos permitem entrever reflexos da experiência do autor recriados em sua obra literária. Um dos recursos empregados pelo escritor para que sua experiência aproxime-se do mundo, é justamente o relato de causos, de circunstâncias capazes de iluminar uma experiência ou um conceito, sem que seja preciso nomeá-los. É dessa forma que Guimarães Rosa trata da providência de Deus: sem mencioná-la, transforma-a no fio condutor da narrativa, uma vez que todas as ações estão concatenadas no intuito de ilustrarem o processo da ação providencial. A diegese, expressa por uma linguagem que a presentifica, torna-se, portanto, um meio de atualização dessa crença tão cara e sempre manifestada por esse escritor. Todavia, é preciso ressaltar que, no caso de Guimarães Rosa, a crença nestas forças que regem o mundo está desvinculada de qualquer caráter doutrinário,

No decorrer do trabalho, procuramos mostrar que os contos selecionados foram estruturados de maneira análoga apesar de, numa primeira leitura, parecerem ser construídos de forma completamente diversa. As quatro composições representam, através de personagens e situações distintas, uma mesma crença, porém, entre elas podemos identificar diferentes níveis de abstração que, por sua vez, variam de acordo com elementos mediadores que estão presentes nas respectivas narrativas. Esses elementos tem como função estabelecer a ligação entre a personagem – que chamamos aprendiz porque deverá passar por um processo de purificação antes de encontrar o que lhe estava reservado – e o seu destino. Enquanto n’ “A estória do Homem do Pinguelo” somos colocados diante de uma entidade abstrata, o chamado “Homem do Pinguelo”, cuja aparição é sugerida por um dos narradores – José Reles – nos momentos cruciais da história, como possível mediador da mudança, ou melhor, do processo de transformação, em “Seqüência”, a função mediadora é concedida a um animal, uma vez que é a vaquinha pitanga a criatura responsável por conduzir o filho do Major Quitério ao que lhe estava traçado. Em “Substância”, tem-se tanto Nhatiaga – por haver levado Maria Exita para a fazenda - quanto o polvilho, uma substância capaz de promover a mudança na vida das personagens envolvidas na história. Nesse caso, a mediação tem início com Nhatiaga, que aproxima Maria Exita e Sionésio, e termina com o polvilho, metáfora da ação providencial, que era facilmente identificada por Maria Exita, mas que, no início do conto, ainda ofuscava os olhos de Sionésio que ainda não estavam prontos para

é disseminada no decorrer das narrativas até culminar nas correspondentes transformações, torna-se o objetivo maior deste trabalho. Quanto à estrutura – categorias narrativas – vamos analisar a preparação para a ação da providência e quanto à expressão, veremos o modo como o autor trabalha a linguagem poética no processo de construção da alegoria para provocar tal efeito de disseminação da ação providencial.

O estudo do modo como Guimarães Rosa cifra a disseminação da ação providencial nos contos selecionados é realizado com base na interpretação dos sentidos literal e alegórico dessas narrativas constituídas de metáforas e sinédoques particularizantes através das quais o autor gera expectativa e mistério ao representar apenas uma parte escolhida de uma realidade mais vasta.

O embasamento teórico do trabalho é composto de estudos de três tipos: ensaios críticos sobre a obra rosiana de modo geral como os de Suzi Sperber, *Caos e cosmos* (1976); Alfredo Bosi, “Céu, inferno” (1988); Maria Célia Leonel, *Guimarães Rosa: Magma e gênese da obra* (2000); Lenira Marques Covizzi, *O insólito em Guimarães Rosa e Borges* (1978); Paulo Rónai, “Os prefácios de Tutaméia” (1969); Benedito Nunes, “A viagem” (1969), entre outros. Também recorreremos a ensaios referentes às narrativas selecionadas como os de: Maria Célia Leonel, *Guimarães Rosa alquimista: processos de criação do texto* (1985); Edna Calobrezi, *Morte e alteridade em Estas estórias* (2001); Heloisa Vilhena de Araújo, *O espelho* (1998); Ana Paula Pacheco, *Lugar do mito* (2006), entre outros. Quanto aos

Affinités (1936), ambas escritas pelo padre Antonin Gilbert Sertillanges e a *Suma Teologica de Santo Tomas de Aquino* (1957).

Capítulo 1

1.1 A providência divina: as forças que regem o mundo

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. (ROSA, 1982, p.20/21)

Segundo Alfredo Bosi no ensaio “Céu, inferno” (1988, p. 22), “ em Guimarães Rosa, o que o cinge à cultura popular é um fio unido de crenças: não só um conteúdo formado de imagens e afetos, mas, principalmente, um modo de ver os homens e o destino”. Sendo assim, em suas histórias estão evidentes os traços do pensamento arcaico-popular como a fé em Deus, a importância de se ter paciência, de se cultivarem certas virtudes, valores que são ilustrados através de sentenças como as citadas por Alfredo Bosi (1988, p. 23): “‘Deus tarda mas não falha’, ‘O futuro a Deus pertence’ e ‘De onde menos se espera, daí é que vem’”. Segundo o crítico, “expressões lapidares da fé em uma Providência que cruzaria a barreira das condições passadas e presentes e se identificaria, afinal, com o próprio curso do tempo”.

A transformação decorrente da ação providencial ocorre em diversas narrativas curtas rosianas, pois, segundo Bosi (1988, p.25), “Em todas as situações, e sobretudo nas mais espinhosas, haveria sempre uma ponte de trânsito livre, algum momento, desejado e

porque, pelo fato de acreditar no poder da força interior, Guimarães Rosa concede o dom da salvação aos seres aparentemente mais frágeis e interiormente mais aptos.

Além das narrativas que são analisadas neste trabalho, as quais foram selecionadas a partir dos três livros de “estórias” de Guimarães Rosa – *Primeiras estórias*, *Terceiras estórias* e *Estas estórias* – também em *Sagarana* (1951) encontramos exemplos claros de narrativas rosianas curtas que ilustram a presença constante, apesar de diversificada, da providência.

Em “O burrinho pedrês”, é possível identificar tanto a disseminação da ação providencial no decorrer da narrativa, quanto sua ação pontual no momento mais complicado da história: a enchente que eles enfrentam no córrego da Fome. Importante é notar que, nesse conto, a ação providencial gira em torno, principalmente, do burrinho “miúdo e resignado” (ROSA, 1951, p. 7) que atuará como herói no fim da narrativa quando salva dois vaqueiros – Francolim e Badu – da enchente, o primeiro, agarrado a seu rabo e o segundo à sua crina. Sendo assim, a disseminação será realizada através da caracterização desse burrinho no decorrer do conto, visando mostrar tanto sua fragilidade quanto alguns de seus hábitos. Ele costumava, por exemplo, fechar os olhos nos momentos de dificuldade ou quando via algo de que discordava:

Enfado de assistir a tais violências, Sete-de-Ouros fecha os olhos. Rosna engasgado. Entrona o frontispício. E, cabisbaixo, volta a cochilar. Todo calma, renúncia e força não usada. O hálito largo. As orelhas peludas, fendidas por diante, como duas mal enroladas folhas secas. A modorra, que o leva a reservatórios profundos. As castanhas incompletas das pernas. As

Bem que Sete-de-Ouros se inventa, sempre no seu. Não a praça larga do claro, nem o cavouco do sono: só um remanso, pouso de pausa, com as pestanas meando os olhos, o mundo de fora feito um sossego, coado na quase-sombra, e, de dentro, funda certeza viva, subida de raiz; com as orelhas – espelhos da alma – tremulando, tais ponteiros de quadrante, aos episódios para a estrada, pela ponte nebulosa por onde os burrinhos sabem ir, qual a qual, sem conversa, sem perguntas, cada um no seu lugar, devagar, por todos os séculos e seculórios, mansamente amém. (ROSA, 1951, 34)

Vê-se, portanto que a primeira dessas características é a calma, a paciência; a segunda é a “certeza viva”, a força interior e a terceira é a aceitação do que lhes é imposta pela vida “sem perguntas, cada um no seu lugar, devagar.”. É dessa maneira que a narrativa é encaminhada para o fim, quando o burrinho pedrês, que no início do conto era visto como velho e incapaz, salva os dois vaqueiros da enchente, fazendo uso da tranqüilidade e da sabedoria

Nenhuma pressa. Aqui, por ora, este poço doido, que barulha como um fogo, e faz medo, ao é novo: tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: como os homens e os seus modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos. Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sem afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando forças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco, fora de hora. Assim. (ROSA, 1951, p.63).

Segundo Maria Célia Leonel em *Guimarães Rosa: Magma e gênese da obra* (2000, p.78) “nenhum leitor interessado na obra rosiana ignora a presença fundamental dos animais nos seus textos e o modo eufórico como são tratados – o burrinho pedrês é apenas a súpula desse tratamento”. Em seu livro, Leonel (2000, p. 239) mostra que “o interesse de Guimarães

Rosa pelo retrato – sempre empático – dos animais, esmerando-se na escolha de nomes,

‘L’intégrité, qui est le bien au parfait, suppose une économie de la pensée, du sentiment, de la parole et de l’action au sens ancien du mot économie, qui signifie : soin diligent et mise en ordre’. Segundo ela,

a integridade da qual fala Sertillanges existe em um estágio já purificado do ser. Implica a compreensão ou intuição do bem e dos desvios do excesso. Exige a eliminação de todo o supérfluo, para o definitivo encaminhamento da alma e do espírito para Deus. (SPERBER, 1976, p. 82)

Para Sperber (1976, p. 84), “o burrinho Sete-de-Ouros representa a criatura dignificada proposta pelos Evangelhos. Por extensão, todas as criaturas, até as mais humildes, - sobretudo as mais humildes – têm valor. São as pessoas de classes inferiores, de nível intelectual primário, padecentes”.

Todas essas descrições do burrinho evidenciam o fato de ele ser uma personagem já avançada espiritualmente, da mesma forma como é Maria Exita em “Substância”, a vaquinha pitanga em “Seqüência”, José Reles – um dos narradores – n’ “A estória do Homem do Pinguelo” e as velhinhas em “Arroio-das-antas”, uma vez que todos eles parecem já haver entendido o processo da providência divina e, por isso, aceitam o que a vida lhes impõe, pois sabem tratar-se do governo dessa mesma providência.

Em “São Marcos”, outra narrativa de *Sagarana*, fica claro o modo como a crença popular no sobrenatural e, dentro dela, a magia, não excluem a ação da providência divina.

De qualquer forma, o espaço da magia e dos feiticeiros está delimitado e divide fronteiras com os demais, principalmente na população rural ou sertaneja. [...]

Guimarães Rosa busca o espaço – rural e sertanejo – privilegiado para essa mistura mágico-religiosa.

É dessa forma que, segundo Godoy, o escritor cria uma ambientação mágica, aproximando-a do supersticioso e do religioso em busca da atmosfera ideal para os acontecimentos de suas sagas. Em “São Marcos” essa atmosfera envolve tanto a magia dos feiticeiros, com destaque para João Mangolô, quanto a articulação dos fatos que culminam na ação providencial que impede João/José de matar o feiticeiro. O feitiço também se aproxima da ação providencial, pois possibilita a mudança que deveria necessariamente se passar na vida do protagonista, pois é graças a ele que a personagem descobre a importância de enxergar também aquilo que está além do universo palpável. Ao recobrar a visão, o narrador-personagem descobre o valor dos outros sentidos que pareciam adormecidos e enxerga no alto da colina “um boi branco, de cauda branca” (ROSA, 1951, p.235), imagem que nos sugere a presença desse animal como mediador, como responsável pela execução do plano providencial que estava traçado para João/ José.

Apesar de tratar-se de narrativas completamente díspares, interessante é notar que a ação providencial se dá em todas elas e, apesar de as circunstâncias serem completamente diferentes, muitas características necessárias à ocorrência da ação providencial são mantidas

nota, Paulo Rónai aponta uma característica dos protagonistas dessa obra que se encaixa também naqueles que analisamos nos contos selecionados de *Estas estórias* e de *Tutaméia*:

Neles a intuição e o devaneio substituem o raciocínio, as palavras ecoam mais fundo, os gestos e os atos mais simples se transubstanciam em símbolos. O que existe dilui-se, desintegra-se; o que não há toma forma e passa a agir. Essa vitória do irracional sobre o racional constitui-se em fonte permanente de poesia. (RONAI, 1968, p. LVIII)

A simbologia presente nos contos selecionados fornece às narrativas um caráter essencialmente poético que, como veremos, contribui para a formação de uma ambientação enigmática favorável à ocorrência da ação providencial. Sendo assim, na leitura que fazemos de tais contos, procuramos analisar o modo como o discurso da narrativa, expresso pelo discurso da poesia, é estruturado, constituindo a representação artística da diegese.

Na obra *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa* (1980), Maurice-Jean Lefebvre, conforme dito, desenvolve a idéia de que os discursos da poesia e da narrativa podem ser associados, como ocorre nos contos em questão; enquanto o discurso da poesia nos reenvia a um referente relacionado à experiência que possuímos do mundo, o discurso da narrativa tem a diegese como suporte através do qual busca reatualizar essa experiência. É por meio dessa associação que, em narrativas como as que selecionamos para este trabalho, uma questão universal não se apaga face à diegese, fica atrás dela e é por ela atualizada.

pois o caráter sugestivo dessas narrativas evidenciam seu alcance universal e nos levam a refletir acerca de questões sobre religião, o bem e o mal, destino e fé. Além disso, essas histórias mostram a importância do reconhecimento, por parte das personagens, da obra e do trabalho de Deus, pois, como afirma Sertillanges, em *As grandes teses da filosofia tomista* (1951, p.196),

[...] uma vez reconhecido por sinais verdadeiros, as obscuridades da sua obra devem servir só para nos levarem à humildade diante do mistério e exclamar como S. Agostinho: “Deus infinitamente bom, nunca permitiria que houvesse mal nas suas obras, se não fosse tão poderoso e tão bom que do mesmo mal não pudesse tirar bem”.

Coincidentemente ou não, em um dos trechos sublinhados na obra *Affinités*, escrita pelo mesmo padre e encontrada na biblioteca pessoal de Guimarães Rosa, lê-se: “o mal: um bem diferente daquele ao qual nós aspiramos ou que nós esperamos” (SERTILLANGES, 1936, p.64)¹. Além disso, na última, e mais reveladora, parte do prefácio “Sobre a escova e a dúvida”, o autor relembra alguns dos momentos que passou ao lado de Zito e algumas das afirmações do guieiro que parecem tê-lo acompanhado em sua travessia: “Tudo o que é ruim é fora de propósitos...” (ROSA, 2001, p. 227).

Esses valores, presentes tanto nas obras de Sertillanges quanto na possível profissão de

existe por trás dele. Sendo assim, todo o conto é construído como uma seqüência logicamente ordenada de metáforas e sinédoques particularizantes, elaboradas elemento a elemento.

1.2 A alegoria

Atrás de torto, o desentortado. Adiante. Todo lugar é igual a outro lugar; todo tempo é o tempo. Aí: as coisas acontecidas, não começam, não acabam. (ROSA, 1969, p. 125)

Pelo fato de as narrativas analisadas neste trabalho serem extremamente simbólicas, indicando diversas formas de atuação da providência na vida de todos os seres, optamos por analisá-las como alegoria desse tema. Adotamos a noção de alegoria exposta por Edward Lopes em *Metáfora: da retórica à semiótica* (1986) e pelo Grupo μ em *Retórica geral* (1974) para realizar as análises constituintes deste trabalho.

Segundo Lopes (1986, p. 42),

[...] uma alegoria é um discurso metafórico que contém dois textos vinculados entre si pelo mesmo fundamento, que os associa num novo conjunto significante, um novo discurso, hierarquizando-os de tal modo que o texto figurativo funcionará nesse discurso como o plano de expressão manifestante de outro texto, o temático ou manifestado.

[...] a interpretação literal produz o texto manifestante, lendo-o como a expressão de uma isotopia exteroceptiva², que nos dá o tema ao modo do parecer (i. é, por intermédio da sua visibilização na forma de uma figura) e a interpretação figurada, que produz o texto manifestado, lendo o texto manifestante como plano de expressão de outra coisa, espécie de interpretante analógico, pois, de uma isotopia interoceptiva³, humana, onde o tema aparece ao modo do ser.

Em suma, a alegoria é

[...] uma metáfora expandida, construída pelo procedimento de metaforização continuada. Por isso ela surge quase sempre na forma de uma série de metáforas que se ligam umas às outras, sintática e semanticamente, na qualidade de partes constituintes da mesma estrutura narrativa, no interior da qual cada metáfora se encarrega de efetuar a descrição de dado estado narrativo (LOPES, 1986, p. 49)

No nosso trabalho, vemos cada um dos contos analisados como uma grande alegoria da ação providencial e supomos que os elementos que formam essas histórias – ações, personagens, tempo, espaço, etc – sejam metáforas constitutivas dessa grande alegoria que é a providência. É por isso que podemos afirmar que a alegoria, nesse caso, consiste na expansão da metáfora da ação providencial que, por sua vez, é desenvolvida no texto através de outras metáforas que sugerem, de diferentes maneiras, a disseminação dessa mesma ação. Sendo assim, essa alegoria pode ser considerada tanto uma metáfora expandida quanto um conjunto de metáforas pelo fato de as diversas metáforas do conjunto, apesar de distintas, unirem-se

sinédoques particularizantes”. Sendo assim, quando tomadas literalmente, a alegoria, assim como as parábolas e as fábulas, geralmente fornecem um sentido insuficiente. Todavia, a diferença entre elas está no fato de que parábolas e fábulas manipulam domínios semânticos restritos, enquanto na alegoria, “o contexto [...] é outro, à medida que prepara o julgamento do sentido literal como insuficiente” (DUBOIS et al, 1947, p. 194). É, portanto, visando esse julgamento, que as metáforas são escolhidas pelo escritor, para que constituam uma espécie de “código secreto” necessário à compreensão da alegoria.

A substituição aparentemente total que se dá na alegoria, na realidade “pode ser total no plano semântico, mas no plano retórico, [...] está o invariante para nos permitir, com a marca, compreender a alegoria”. Cada um dos contos apresenta, portanto, um invariante, ou seja, um elemento que une o texto manifestante e o texto manifestado e que constitui uma zona de significação que nos permite traduzir a metáfora. Em “Substância”, veremos como o processo de purificação do polvilho pode ser visto como metáfora do processo de purificação de Maria Exita e Sionésio; em “Seqüência”, como a ação da vaquinha coincide com a ação providencial; n’ “A estória do Homem do Pinguelo”, como as incertas aparições da entidade misteriosa do Homem do Pinguelo coincidem com a disseminação da ação providencial em momentos decisivos da história e em “Arroio-das-antas”, como as orações das velhinhas representam a importância da caridade e da fé para que a ação providencial se cumpra.

Dessa forma, faremos a análise desses invariantes para mostrar como se dá a construção

secreta se constrói com o não dito, com o subentendido e a alusão.” É dessa forma que Guimarães Rosa alegoriza o texto de Sertillanges em um certo tipo de história que, de acordo com a noção de alegoria para o Grupo μ (1974, p.193),

[...] pode ser lida, bem ou mal, ao nível zero, e apresentar um sentido aceitável, ainda que pouco interessante. É precisamente essa decepção, relativa ao sentido primeiro, que leva a procurar uma possível segunda isotopia, menos banal, que talvez pudesse existir.

Segundo os conceitos de Ricardo Piglia, existe a chamada história 1, a história visível que codifica a história secreta e que, portanto, requer de nós uma leitura bem mais atenta para que possamos identificar a transformação retórica que se dá, segundo o Grupo μ , nos transformantes (elementos que constituem o grau zero da narrativa) para que dêem origem aos transformados (os elementos constitutivos da história secreta). Segundo esses estudiosos, a transformação retórica ou metassemêmica é geralmente uma metáfora ou uma sinédoque particularizante.

É com base nessa transformação que analisaremos o “Homem do Pinguelo”, a “vaquinha pitanga”, o “povinho” e as “velhinhas” como elementos responsáveis por mediar a ação da providência divina, fundamental para a transformação da vida das personagens envolvidas nas respectivas histórias. Esses elementos são os transformantes que, se vistos

Em *Esse ofício do verso*, Jorge Luis Borges (2000, p.40) afirma, em sua conferência sobre a metáfora, que “qualquer coisa sugerida é bem mais eficaz do que qualquer coisa apregoadá” e que

Talvez a mente humana tenha uma tendência a negar declarações. [...] Mas quando algo é simplesmente dito ou – melhor ainda – insinuado, há uma espécie de hospitalidade em nossa imaginação. Estamos dispostos a aceitá-lo.

Segundo o escritor argentino, as metáforas são as palavras exatas que os escritores encontram para aquilo que tentam dizer, uma vez que transmitem uma emoção que se perderia se a mensagem fosse dita literalmente. É por isso que Borges defende a idéia de a razão ser inconvincente quando comparada à capacidade da metáfora de surpreender a imaginação. Essa surpresa pode decorrer do estranhamento por parte do leitor, mas, mesmo assim, “somos levados a sentir que a emoção por trás das palavras é verdadeira.” (BORGES, 2000, p.101). Isso explica porque Guimarães Rosa está entre os grandes autores que nos surpreendem e nos emocionam de modo a crermos estar próximos da verdade.

A alegoria é, portanto, um conjunto de metáforas que, apesar de distintas, atuam como um todo e nos remetem a um mesmo significado. Ademais, é empregada não como mero artefato, mas como recurso que remete o leitor a uma investigação mais profunda e, conseqüentemente, mais rica e adequada do material que lhe é exposto.

É com base nesse conceito de alegoria que, neste texto, procuramos levantar e analisar

principalmente, se compreendemos que, através do relato das mudanças de vida das personagens, elas também descrevem a trajetória de afirmação da aliança entre Deus e os homens. A importância de tais sugestões nos faz lembrar do que afirma o contista no fim de um dos reveladores prefácios de *Tutaméia*, “Aletria e hermenêutica”: “Ergo: O livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber. Quod erat demonstrandum.” (ROSA, 2001, p. 40)

Capítulo 2

2.1 Providência: a substância primeira

A crítica ressalta constantemente o caráter universal da obra rosiana, decorrente da abrangência dos motivos desenvolvidos como fios condutores das narrativas. Em “A Cinderela do sertão de Guimarães Rosa” (2005, p. 120/121) Edna Nascimento e Erasmo Magalhães analisam a narrativa fílmica de Pedro Bial *Outras estórias* que retoma cinco contos de *Primeiras estórias* e mostram como o texto de Bial constrói a Cinderela do sertão mineiro. Nesse texto eles destacam um ponto essencial também ao nosso trabalho: o de que tais narrativas rosianas tratam de valores que transcendem o sertão descrito pelo escritor, pois

No nível de manifestação do texto, é o sertão brasileiro do Brasil Central que Guimarães Rosa reconstrói em sua obra e que Pedro Bial recupera em seu texto fílmico: as figuras, do jagunço, do fazendeiro; o ambiente do sertão, a roça, o arraial; a vegetação, cujo maior representante, na versão de Bial, é o buriti. Mas, no espaço do autor das cinco narrativas verbais, também estão delineados valores do homem humano que transcendem o mundo do sertão [...]

É dessa forma que o espaço na obra rosiana vai muito além dos limites físicos, pois, nesse caso, segundo Benedito Nunes (1969, p. 174), esse é “o espaço que se abre em viagem, e que a viagem converte em mundo. Sem limites fixos, lugar que abrange todos os lugares, o Sertão congrega o perto e o longe, o que a vista alcança e o que só a imaginação pode ver.”.

nos interstícios da história de Sionésio e Maria Exita, personagens do conto “Substância”, de *Primeiras estórias*.

De acordo com Nascimento e Magalhães (2005, p. 114/115), essa narrativa “constrói o percurso da transformação da moça do sertão que, embora não tendo origem nobre, transforma-se em princesa pela sua beleza e pureza.”. Além do que, não “falta também, nessa narrativa, a fada madrinha, figurativizada por Nhatiaga, que a tudo observa.” Segundo o texto de Bial, nos textos de Guimarães Rosa, “há sempre uma renovação do ciclo da vida pelo amor”, cuja concretização identificamos com a força providencial.

Em “O espelho” (1998, p.188-191), Heloisa Vilhena de Araújo vê Maria Exita como “Benfazeja luminosa. Uma Eumênide. Leva para fora da vida terrena”, enquanto os “olhos de Sionésio não estavam bastante fortalecidos, ainda, para encarar o sol.” Posteriormente, o sol é visto como a “luz de Cristo” que fortalece os olhos do fazendeiro para que pudessem ver Maria Exita sorrir. Através da aproximação que a autora faz do conto rosiano com trechos de Dante, no canto XXIII do *Paradiso*, ela nos mostra que os olhos de Maria Exita “já estão prontos para a luz divina. E é na substância branca do polvilho, brilhando ao sol, que ela reconhece essa luz”, enquanto Sionésio ainda não está pronto para a visão de Deus.

Todavia, Heloísa Vilhena vê também Maria Exita como “o anjo da morte” (p.192), a substância, algo que “não é corpo, não é imagem, é substância separada” e, portanto, como um anjo, “reflete, como um espelho, a luz de Deus”, fortalecendo os olhos de Sionésio e

uma vida nova, para celebrarem juntos a renovação que a providência divina promove em suas vidas, concedendo-lhes a graça do amor.

Além disso, analisamos o modo como se dá a disseminação da ação providencial na narrativa toda e não apenas no momento de transformação. A mudança só aparenta ser brusca quando na verdade é um processo lento que requer sabedoria e paciência das personagens envolvidas nessa travessia.

Já é sabido que a obra rosiana nos remete sempre para o que está além dos fatos narrados. Sendo assim, analisamos a história de Sionésio e Maria Exitá como uma alegoria da atuação da providência de Deus que se dá na vida de todos os seres, estejam eles preparados ou não para recebê-la. Porém, aqueles que ainda não estão aptos a receber o que lhes é determinado, devem passar por um processo de aprimoramento, de purificação, para que consigam enxergar e terem fé na ação providencial ordenadora de todos os fatos.

Segundo o Grupo μ , em *Retórica* geral (1974) a alegoria, por sua própria estrutura, trata-se de um metalogismo que, por si próprio, “transgride a relação ‘normal’ entre o conceito e a coisa significada” (p. 187). Portanto, o metalogismo modifica o valor lógico da frase, uma vez que não é submetido a restrições linguísticas, mas não anula a possibilidade de o texto ser lido ao nível zero e apresentar um sentido “aceitável, ainda que pouco interessante” (p. 193). Segundo esses teóricos, “É precisamente essa decepção, relativa ao sentido primeiro, que leva a procurar uma possível segunda isotopia, menos banal, que talvez

metassemema

(transformante) / (transformado) (p.194)

Todavia, como a transformação metassemêmica é geralmente uma metáfora ou uma sinédoque particularizante, a relação que existe entre os transformantes é pertinente, mas, quando transposta para os transformados, ela passa a ser impertinente e é nesse momento que atua o metalogismo, pois ele aparece “como figura de conjunto que só pode ser compreendida pelo conhecimento do referente particular” (p. 195), ou seja, figura que nos possibilita reconhecer nas entrelinhas do texto “o protocolo do evento considerado” (p.195), que, nesta análise, vemos como a disseminação da ação providencial.

No conto selecionado, procuramos levantar a analisar termos sugestivos que explicitam a alegoria e acabam por indicar os eventos que deveriam dissimular. O texto em questão pode ser, portanto, lido como uma alegoria que “revela certos aspectos e basta, após suprimirem-se os semas enganadores, acrescentar àqueles que sobram semas descritivos, para compor o protocolo do evento considerado” (p. 195).

Heinrich Lausberg em *Elementos de retórica literária* (1966), afirma que a alegoria “é a metáfora que é continuada como tropo de pensamento e consiste na substituição do pensamento em causa, por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança a esse pensamento em causa” (p.247). Segundo Lausberg, podemos distinguir dois graus de totalidade da alegoria: a chamada *tota allegoria*, que não contém nenhum elemento do

2.2 A disseminação da ação providencial

O processo de purificação realizado através da disseminação da ação providencial nas vidas de Sionésio e Maria Exita que leva à concretização do amor, encontra-se alegorizado já no primeiro parágrafo de “Substância”, na descrição do processo pelo qual passa o polvilho para transformar-se em amido: “Do ralo às gamelas, da masseira às bacias, uma polpa se repassa, para assentar, no fundo da água e leite, azulosa – o amido – puro, limpo, feito surpresa.” (ROSA, 1962, p. 151). Nessa possível correspondência devemos atentar principalmente para a expressão “feito surpresa”, porque o termo “feito” pode nos fazer pensar em algo que se parece com surpresa, mas não é exatamente isso, uma vez que já vinha sendo preparado. A impressão de surpresa decorre da mudança brusca que atrai nossa atenção para um fato pontual dentro da narrativa que consiste no momento em que Sionésio pergunta a Maria Exita: “Você, Maria, quererá, a gente, nós dois, nunca precisar de se separar? Você comigo, vem e vai?” (ROSA, 1962, p.156), porque é nesse momento que se concretiza tudo que havia sido, aos poucos, preparado no decorrer da narrativa. Todavia, o fato de o autor abrir o conto descrevendo o processo por que passa o polvilho, como metáfora do processo de disseminação da ação providencial, evidencia o fato de que mais importante do que a tão esperada união das personagens, é o processo que foi percorrido pelas mesmas antes de finalmente se unirem. E mais, a união só se torna possível a partir do momento em que ambos

provocará Maria Exita. Por conseguinte, o processo de purificação da personagem feminina dá-se por meio do trabalho contínuo com o polvilho, com sua brancura ofuscante.

Em seguida, temos a focalização interna de Sionésio que, sem nem mesmo saber em que mês a moça havia nascido, deduz ser de maio, porque o “mês mor – de orvalho, da Virgem, de claridades no campo” (ROSA, 1968, p.151). Ele que a notara em uma das festas da fazenda, percebe que “ela, flor” já não se parecia com a menina “historiada de desgraças” que havia sido levada para servir na fazenda. Porém, segue o comentário do narrador de que, “Sem se dar idéia, a surpresa se via formada” (p. 151), ou seja, o que parecia repentido para Sionésio, há muito vinha acontecendo, a moça foi, aos poucos, se embelezando, mas “a ele, Sionésio, faltavam folga e espírito para primeiro reparar em transformações” (p. 151). É importante notar como essa última frase do primeiro parágrafo fecha um conjunto de sugestões de tudo aquilo que acontecerá no conto. Além disso, as “transformações” mencionadas referem-se tanto às transformações que se passam com Maria Exita quanto àquelas que se darão com o próprio Sionésio sem ele nem mesmo perceber ou desconfiar justamente pelo fato de lhe faltarem “folga”, ou seja, tempo, paciência, atenção e “espírito”, necessários para que perceba os indícios que são dados pela providência divina.

O processo de evolução espiritual de Sionésio passa a ser narrado a partir do segundo parágrafo no qual o narrador nos conta que ele - nesse momento do texto chamado de Seo Nésio, sugerindo uma primeira versão do rapaz -, até então preguiçoso, havia herdado, de

Maria Exita havia recebido a visita da madrinha rica que, por sua vez, apenas passou pela fazenda e também desapareceu. Ademais, no auge das dificuldades, a moça ainda recebeu um serviço na Samburá que era o pior de todos: o de quebrar com as mãos o polvilho nas lajes. Nesse ponto da narrativa fica evidente para o leitor a delicada situação pela qual passa Maria Exita, faltava-lhe um ponto de apoio, um sinal de esperança, mas ela, de nada reclama, satisfaz-se com o que lhe é concedido e faz o trabalho com gosto. É dessa forma sábia que ela parece aceitar e até mesmo compreender o que está traçado para seu futuro.

Sionésio, por outro lado, apesar de aparentemente ter tudo aquilo de que precisa e sentir-se, inclusive, auto-suficiente, como fica claro no seguinte trecho – “Amava o que era seu – o que seus fortes olhos aprisionavam” (p.152) – passa a sentir “uma fadiga. O ensimesmo” (p.152), decorrente principalmente da sua falta de tempo para renovar a vida.

O modo como o narrador nos apresenta os percursos de ambas as personagens, passa a impressão de que a carência de um pode ser o que existe no outro. Enquanto Maria Exita não tem praticamente nada de concreto a que se apegar, Sionésio tudo tem e acaba se preocupando mais do que devia com suas posses, pois o fato de tanto possuir faz com que ele se esqueça da importância do que ele não possui. A humildade dela, que gosta até mesmo do terrível trabalho que lhe fora determinado, é o oposto da necessidade de Sionésio de dominar a situação em que ele se encontra. Todavia, tal característica de Sionésio é colocada à prova através do amor que ele passa a sentir por Maria Exita que faz com que tudo mais perca o

alterado, pode produzir mais, com maquinário e outras providências. Esse seria um processo fácil, que não demandaria muito tempo dele, mas tal observação só vem para que ele possa se auto-afirmar diante de um processo longo e difícil que estava apenas começando: seu encantamento por Maria Exita.

Segue, depois, a narração do momento em que ele decide ir vê-la e, mais uma vez, temos, através da focalização interna, a sensação de Sionésio diante do polvilho: “Alvíssimo, era horrível, aquilo. Atormentava, torturava: os olhos da pessoa tendo de ficar miudinho fechados, feito os de um tatu, ante a implacável alvura, o sol em cima” (p.153). Nesse momento, ele sente dó dela e ela, ao contrário, nem mesmo reage à pergunta que ele faz, como se já soubesse da necessidade de seu contato com a alvura do polvilho, que alegoricamente, consiste na fé, na entrega àquilo que a providência lhe havia designado. A indicação disso está implícita no seguinte trecho: “Só o mal-e-mal, o boquinãoabrir, o sorriso devagar. Não se perturbava” (p.153) e é confirmada no que segue:

Também, para um pasmar-nos, com ela acontecesse diferente: nem enrugava o rosto, nem espremia ou negava os olhos, mas oferecidos bem abertos – olhos desses, de outra luminosidade. Não parecia padecer, antes tirar segurança e folguedo, do triste, sinistro polvilho, portentoso, mais a maldade do sol. (p.153)

Os olhos “de outra luminosidade” de Maria Exita já conseguem enxergar por entre o efeito torturante do polvilho – metáfora das dificuldades que a vida lhe impõe e que fazem

suportar e aceitar todas as dificuldades que a vida lhe impôs e também pelo fato de, ao invés de desviar os olhos do “deslumbrável” polvilho, fitá-lo, com gosto:

Destemia o grado, cruel polvilho, de abater a vista, intacto branco. Antes, como a um alcanforar o fitava, de tanto gosto. Feito a uma espécie de alívio, capaz de a desafligir; de muito lhe dar: uma esperança mais espaçosa. Todo esse tempo. Sua beleza, donde vinha? Sua própria tão firme pessoa? (p. 153; grifos nossos)

Nesse trecho, fica evidente a relação que existe entre a alma diferenciada de Maria Exita e sua capacidade de ver o polvilho como uma fonte de esperança, um alívio, que são os mesmos sentimentos que a providência divina promove nos corações daqueles que nela confiam. O plano traçado pela providência não envolve somente coisas boas, dentro dele também se encontram dificuldades, os “vários sem-remédios de amargura” que, todavia, conduzirão as personagens ao Bem supremo. É por saber disso que Maria Exita sente-se feliz, “apesar dos ásperos” e Sionésio, por sua vez, apesar de ainda não compreender a aceitação dela, fica também feliz pelo fato de sua amada sentir-se bem. Esse é, portanto, mais um passo no processo de aprimoramento espiritual dele.

Maria Exita está, portanto, pronta para viver o amor que a providência lhe designou: - “Ela – que dependendo só de um aceno” - ; entretanto, Sionésio precisa alcançá-la para depois poderem viver essa relação. Surge, por conseguinte, uma dúvida: “Se outros a quisessem, se ela já gostasse de alguém?” (p. 154). Apesar da dúvida e de não acreditar que Maria Exita já

suportar olhar para o polvilho, ou seja, apesar de ainda não enxergar o poder da providência, aproxime sua vida da existência de Maria Exita e essa aproximação torna-se uma espécie de dependência tão diferente daquela sua auto-suficiência. Ele já não consegue dormir pensando em sua paixão, passa a sentir a presença dela como um alívio e, por fim, percebe que nada do que ele amava, “o que era seu – o que seus fortes olhos aprisionavam” (p. 152) fazia sentido sem ela.

O mais interessante é que, apesar de Sionésio saber que Maria Exita também o ama, uma vez que “não receava a recusação” (p.155), ele também percebe que “queria e não podia, dar volta a uma coisa.” (p.155), como se soubesse que faltava alguma coisa para, depois, poder concretizar seu desejo de ficar com ela. O próprio narrador dá-nos mais uma informação sobre a disseminação da ação providencial que vem ocorrendo, quando diz “Os dias iam. Passavam as coisas, pretextadas. Que temia, pois, que não sabia que temesse?” (p.155). É preciso lembrar que “pretexto” é a razão aparente ou imaginária que se alega para dissimular o motivo real de uma ação, o narrador deixa implícito nesse trecho que tudo que estava acontecendo encobria o sentido real de todos os fatos que, na verdade, cumprem o plano providencial que estava traçado para Sionésio. Ele teria que se aprimorar espiritualmente, deveria deixar de lado o apego às coisas materiais e a certeza de que tudo podia, para então entregar sua vida nas mãos da força providencial para que ela fizesse o destino se cumprir.

E assim, após percorrer o que lhe estava traçado para que pudesse amadurecer espiritualmente, Sionésio se aproxima de Maria Exita, e isso se dá no momento certo, escolhido pela providência, momento este em que o espírito de Sionésio estaria tão amadurecido como o de Maria Exita: “A hora era de nada e tanto; e ela era sempre a espera” (p. 156). Mais do que depressa ela aceita a proposta de Sionésio, para “confirmar o rumo de sua vida” e o rir de seus “olhos sacis” encobrem a certeza de que ela já tinha de que tudo aquilo aconteceria. Todavia, mais uma vez, Sionésio teme, duvida do que seu coração dizia e do que a providência havia lhe mostrado até então quando pensa novamente na possibilidade de a doença do pai de Maria Exita existir por trás de toda sua beleza. É nesse momento que ele, mesmo sem querer, olha para o polvilho, metáfora da ação providencial, e se entrega a ela:

Mesmo, sem querer, entregou os olhos ao polvilho, que ofuscava, na laje, na vez do sol. Ainda que por instante, achava ali um poder, contemplado, de grandeza, dilatado repouso, que desmanchava em branco os rebuliços do pensamento da gente, atormentantes.
A alumiada surpresa.
Alvava. (p.156)

É nesse momento em que ele mostra sua fé na providência, que ela faz com que os “rebuliços” do pensamento dele desapareçam para dar lugar ao “exato, grande, o repentino amor – o acima” (p.156) que estava reservado para ele. Resolveu então aplicar o coração e abrir ainda mais os olhos, com isso ele pôde quebrar o polvilho da mesma forma como fazia

Exita até a fazenda de Sionésio, no fim da narrativa apenas observa-os, “quieta e calada” (p.156), como se ela também já desconfiasse que aquele encontro deveria acontecer.

No último parágrafo da narrativa lemos que

aconteciam o não-fato, o não-tempo, silêncio em sua imaginação. Só o um-e-outra, um em-si-juntos, o viver em ponto sem parar, coraçõemente: pensamento, pensamôr. Alvor. Avançavam, parados, dentro da luz, como se fosse no dia de Todos os Pássaros. (p. 156)

O fato de o narrador referir-se à ocorrência do “não-fato”, do “não-tempo”, parece estar claramente relacionado ao que lemos em *Afinidades*, obra do padre Sertillanges (1936, p.61/62), especificamente no capítulo em que ele trata da “Providência de Deus” e, dentro dela, do mistério:

O mistério, em uma palavra, não é falta de evidência das coisas em si mesmas, ele é cegueira. Nossas censuras à providência resultam de que nós julgamos no tempo e com relação ao tempo, enquanto o objeto do julgamento é da ordem da eternidade e submetido a visões eternas. Sabendo que a ordem verdadeira do mundo está incluída no Instante que compreende todos, no Instante criador transcendente a todas as durações, mas em que nossa duração em nós deve um dia transbordar como no calmo mar uma torrente rápida, sejamos pacientes, na espera da transformação que adaptará nossos olhos à luz.⁴

Vê-se, no trecho citado que, de forma extremamente poética, Sertillanges refere-se ao modo limitado e muitas vezes errôneo com que os homens tratam da providência, vinculando-

de todos os fatos. O mistério a que se refere Sertillanges pode ser relacionado ao mistério das participações que ele menciona em outra obra – *As grandes teses da filosofia tomista* (1951, p. 200):

As coisas não subsistentes, como a ação, dizem-se concriadas, isto é, criadas juntamente; o sujeito agente é criado como tal, isto é, como agente e também como sujeito; e a sua ação é também criada; é uma participação da Ação primeira, como o sujeito é participação da Substância primeira: duas coisas idênticas. Nelas se esconde o mistério das participações, o mistério da aliança e da conciliação entre o Ser absoluto e os seres participados, entre o infinito e o finito.

É essa conciliação entre ser absoluto – a providência divina – e seres participados – Sionésio e Maria Exita – que “Substância” ilustra ao mostrar o processo de evolução espiritual pelo qual ambos passam até o momento em que conseguem enxergar o caráter transcendente de todos os fatos.

O narrador emprega os termos “não-fato” e “não-tempo” para indicar que a união entre Sionésio e Maria Exita, que já havia sido sugerida de diferentes formas no conto, através do que chamamos disseminação da ação providencial, culmina na ação providencial propriamente dita, no momento em que ocorre uma transformação na vida de Sionésio e seus olhos adaptam-se à luz. Essa luz que, no conto, provém do polvilho, simboliza a luz da providência, luz que ilumina as personagens envolvidas em direção a um destino único, “só o um-e-outra, um em-si-juntos”, para que possam viver “em ponto sem parar”, ou seja, aos poucos, sem atropelos, dando continuidade ao que a vida lhes havia reservado como resultado

2.3 O pássaro como símbolo de espiritualização

Em *Amor de asas e outros ensaios*, Luis Busatto (1985, p.52) faz uma análise extremamente interessante acerca da poética do vôo em *Grande sertão: veredas*. Segundo ele,

[...] na relação Riobaldo/Diadorim o pássaro torna-se a cenestesia do sentimento amoroso. Ele vai concretizar a troca dos olhares e nisto, a liberdade do ser em expansão e em ascensão. No GS:V o amor é motivo de perfeição e de elevação espiritual do homem.

Sabe-se que, em algumas de suas obras, Guimarães Rosa insiste tanto no aspecto visual quanto na dimensão sonora dos pássaros, mas, particularmente o desfecho do conto em questão, o momento em que Sionésio e Maria Exita “avançavam, parados, dentro da luz, como se fosse no dia de Todos os Pássaros” (ROSA, 1962, p. 156), remete-nos ao modo como Busatto elucida a importância dos pássaros na sequência narrativa de *Grande sertão: veredas*. Apesar de tratar-se de produções distintas em várias dimensões, a começar pela extensão, é preciso lembrar que a recorrência de alguns elementos dentro da obra rosiana não se dá por acaso, pelo contrário, muitas vezes o desenrolar de uma leitura ilumina alguns dos pontos obscuros de outra, sem, contudo, esclarecê-los por completo. É dessa maneira que o efeito de grandiosidade que a expressão “dia de Todos os Pássaros” provoca no trecho citado, pode ser comparado à forma como Riobaldo nos descreve o modo como ele abraça Diadorim após uma

e Diadorim – se revela e se presentifica com a presença dos pássaros. Essa expressão remete-nos principalmente ao visual dos pássaros, à quantidade deles, ao seu colorido e ao vôo que, por sua vez, surgem como metáfora do aprendizado, do crescimento espiritual de Sionésio e Riobaldo nas respectivas narrativas de que fazem parte. Segundo Busatto, em *Grande sertão: veredas* (1985, p. 53/54)

[...] se por um lado Diadorim introduz o companheiro no universo das realidades aladas, abre-lhe os olhos para o comportamento e costumes dos pássaros, Riobaldo vai aprender não só a observação visual mas vai reter a lição fundamental, a identidade e diferença do olhar, vai se iniciar na fenomenologia do olhar. “Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de biquinim – a galinholagem deles. – ‘É preciso olhar para esses com um todo carinho...’ – o Reinaldo disse”. Aqui se juntam as duas [...] fenomenologias, do que ensina e do que aprende.

Como se vê, o processo de aprendizado dá-se em ambas as narrativas e, apesar de as circunstâncias serem diversas, existe algo comum e muito importante entre elas que consiste no fato de que a substância das narrativas, ou seja, a história secreta à qual já aludimos no decorrer deste trabalho, encontra-se por trás das aparências, implícita na mobilidade das imagens, na linguagem poética e na cromaticidade empregadas pelo autor. Segundo Busatto (1985, p. 54/55),

[...] a maneira de se manifestar indica a substância. É preciso ter cuidado com as aparências, ou, em outras palavras, nem sempre o que os olhos vêem é a realidade. ‘Os acontecimentos os mais ricos nos chegam bem antes que a alma deles se aperceba. E, quando nós começamos a abrir os olhos sobre o visível, nós estamos

primeiro e à resignação e aceitação da segunda. Tal atuação também se dá por trás das aparências uma vez que o autor opta por expandir a metáfora do polvilho, desenvolvendo assim uma alegoria do processo de purificação realizado pela ação providencial através da descrição do processo de purificação do polvilho. Todavia, embora isso já tenha sido mencionado, é importante ressaltar que a obra apresenta dois planos de leitura, um superficial e outro profundo, ou seja, o texto é compreensível em ambos os planos, porém, a substância encontra-se no segundo e não pode ser atingida sem que se faça uma leitura adequada do primeiro. Segundo Busatto (1985, p.54), é no processo que se dá em *Grande sertão: veredas* em que “lentamente [...] passa-se da asa ao pássaro em si. Do pássaro em si, ao olhar os pássaros. Do olhar os pássaros, ao olhar de Diadorim” que se instala “a dialética do amor como realidade visível/invisível”.

É num processo diverso desse, mas que, todavia, também se dá de forma lenta, que Sionésio – o “urubu tomador de conta” (ROSA, 1962, p.154) – encontrará em Maria Exita – “juriti nunca aflita” (ROSA, 1962, p. 154) – o amor que o ensinará a importância da coragem, da vontade e, sobretudo, da fé na providência divina que, por sua vez, possibilitará a ascensão, o crescimento espiritual de ambos através do amor puro e grandioso que se encontra metaforizado na imagem do “dia de Todos os Pássaros”.

Nesse conto, assim como nas demais narrativas analisadas, ocorre exatamente o que afirma Bosi (1988, p.24) em “Céu, inferno”, a respeito da mudança brusca na vida das

Capítulo 3

3.1 O “mel do maravilhoso”: a ação providencial em “Seqüência”

Já no início do conto em pauta, o narrador informa-nos que “Na estrada das Tabocas, uma vaca viajava” (ROSA, 1968, p.65), o que nos remete a um tema recorrente e fundamental à obra de Guimarães Rosa de modo geral: a viagem.

Segundo Benedito Nunes (1969, p. 174), o sertão do contista

[...] é o espaço que se abre em viagem, e que a viagem converte em mundo. Sem limites fixos, lugar que abrange todos os lugares, o sertão congrega o perto e o longe, o que a vista alcança e o que só a imaginação pode ver.

É dessa forma que Guimarães Rosa consegue, ao mesmo tempo, situar suas “estórias” no sertão e torná-las universais. Tal universalidade deve-se aos temas escolhidos pelo escritor e principalmente ao modo como ele os aborda. As viagens descritas por Guimarães Rosa não são simples percursos, mas travessias que, na verdade, são caminhos para o saber, para aprender a viver. Atravessando-os, as personagens reafirmam seu desejo de mudança e são consagradas com a ação providencial cuja força já havia sido disseminada no discurso.

Com relação ao modo de atuação da providência, pode-se notar um ponto em comum entre as quatro narrativas selecionadas para este estudo, uma vez que, em todas elas,

a velha Nhatiaga o elemento mediador, uma vez que é ela a responsável por levar Maria Exita até a fazenda. Em “Seqüência”, a vaquinha Pitanga é a personagem mais avançada, o filho de Seo Rigério é a personagem-aprendiz e a fuga da vaca torna-se elemento mediador. Em “Arroio-das-Antas”, apesar de as velhinhas estarem num grau de evolução espiritual mais avançado que aquele da moça Drizilda, a “troca” fica bastante clara: as velhinhas ajudam Drizilda e ela, por sua vez, é o elemento necessário para que a avó Edmunda progrida ainda mais espiritualmente. Contudo, a maior variação encontra-se no fato de que n’ “A estória do Homem do Pinguelo”, um dos narradores – José Reles - é, a um só tempo, mediador e personagem mais avançada espiritualmente, uma vez que ele sugere em seu discurso o ensinamento que será dirigido, nesse caso, ao leitor-aprendiz através do que ele retira do encontro, mediado por ele, de Seo Cesarino e Pedro Mourão. A chave para a compreensão de tal situação encontra-se no caráter homodiegético desse narrador que, diferentemente dos narradores das demais narrativas estudadas, ao veicular informações advindas da sua posição de testemunha, retira daí as informações que precisa para construir o seu relato. Essa observação testemunhal e exterior nos conduz à análise dos registros da subjetividade, pois neles está projetada a crença desse narrador na ação providencial. Todavia, tal característica não é de se estranhar no conto-chave de nossa análise uma vez que, nele, a providência também aparece de modo diverso dos demais, dessa vez figurativizada na misteriosa entidade do “Homem do Pinguelo”, enquanto nas outras

3.2 A viagem redonda

Em “Seqüência”, o contista dá início à narrativa instaurando o tema da viagem, mas não se trata de uma viagem qualquer, a vaquinha viajava pela “estrada das Tabocas” (ROSA,1968, p.65). Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2004, p. 1904), o segundo significado de “taboca” é “logro, burla, decepção”, ou seja, trata-se de um caminho repleto de dificuldades. Mas, em seguida, o narrador informa-nos que ela “vinha pelo meio do caminho, como uma criatura cristã”, o que nos permite dizer que ela vinha com a mesma confiança e a inabalável fé de um cristão. Além disso, ela “nem hesitava nas encruzilhadas”, sabia exatamente o caminho que deveria percorrer para chegar à sua querência, a fazenda do Pãodolhão. Esse é o primeiro parágrafo que já encerra as características que situam a vaquinha pitanga entre as personagens que descrevemos como espiritualmente mais avançadas, aquelas que se portam com resignação e fé diante daquilo que a providência lhes reserva.

A vaquinha que sai da Pedra – que nos remete ao que é duro, insensível – por um impulso de saudade, segue rumo à fazenda do Pãodolhão. A partir do segundo parágrafo, o narrador passa a narrar o percurso da vaquinha e o primeiro ponto do caminho mencionado por ele é o Arcanjo – nome sugestivo, pois significa “anjo de ordem superior” – onde tentam rebatê-la, mas ela se livra, ferozmente, e segue seu caminho. Em alguns momentos, ela vai

em brio e tomar em conta.” Interessante é ver que nem havia necessidade de ele realizar tal tarefa, pois Seo Rigério já tinha todos os vaqueiros prontos para partir em busca da vaca, mas o próprio narrador já nos diz, sobre o filho de Seo Rigério, que ele “soubesse o que por lá o botava, se capaz”, deixando implícito que algo fizera com que ele tomasse aquela decisão.

Enquanto o rapaz “ia desconhecidamente”, a vaquinha seguia com toda certeza e retidão. Enquanto ele parava para perguntar a respeito do paradeiro dela, ela, com horas de diferença, “providenciava”. Esse é o único momento em que o narrador faz alusão mais direta ao tema central da nossa análise – a providência – reafirmando o fato de que é a vaquinha o ser responsável pelo ensinamento nessa narrativa. É ela que dirige o filho de Seo Rigério até o seu destino e também é ela que mostra a importância da vontade, do desejo de mudança, para que esse destino se cumpra. Ele, apesar de sentir-se desorientado, é-nos descrito pelo narrador como “vocado e ordenado”, ou seja, predestinado e parte essencial de um todo, uma ordem, uma seqüência que só se cumpriria com ele.

Todavia, o rapaz começa a desanimar, a julgar-se estúpido, justamente por ainda não compreender o sentido maior de seu percurso, que o narrador chama de “incometido, o empatozo, o desnorre, o necessário”. Em meio a tanta indefinição, o rapaz lança longe um olhar e vê a vaquinha que, segundo o narrador, “transcendia ao que se destinava”, ou seja, em seu papel de mediadora, sua função ultrapassa a sua intenção primeira – de chegar à Fazenda do Pãodolhão – uma vez que é através dela que o filho de seo Rigério encontra o que lhe é

“Substância”, representa o momento de purificação, de transformação e entrega da personagem que aprendeu a importância da fé e da resignação diante dos obstáculos da vida. Essa resignação é justificada pelo fato de conduzir as personagens envolvidas ao momento de revelação e transformação de suas vidas em algo melhor, superior.

Da mesma forma como, no caso de Maria Exita, olhar para o polvilho não lhe doía os olhos; para a vaquinha pitanga, é simples atravessar o rio, ela “com roubada rapidez, ia a levantar o desterro. Foi uma mexidinha figura – quase que mal os dois chifres nadando – a vaca vermelha o transpondo, a esse rio, de tardinha”. Todavia, para o moço, o processo dá-se de maneira diferente e isso fica claro no conto através da seguinte metáfora das aves: “Antes do rio não viam: as aves que já tinham”, ou seja, antes desse processo de purificação, de transformação interior, ele ainda não podia compreender o que já estava traçado, predestinado, e que ele teria que encontrar.

Antes da travessia do rio, e mais uma vez, de forma muito semelhante ao que se passou com Sionésio em “Substância”, o rapaz hesita, mas, da mesma forma como o fez Sionésio, ao encarar o polvilho e abrir bem os olhos, o filho de Seo Rigério “pegou a descalçar as botas. E entrou – de peito feito. Àquelas quilas águas trans – às braças. Era um rio e seu além. Estava, já, do outro lado.” A partir desse momento, o rapaz deixa-se levar por seu cavalo, à noite, entregue ao que se destinava, ao “andamento”, à direção correta e já traçada pela providência, rumo o qual ele não precisava temer, apenas nele confiar.

de acordo com a ordem instaurada pela providência. O narrador fecha o conto afirmando que nada é mesmo por acaso, “no mundo nem há parvoíces: o mel do maravilhoso, vindo a tais horas de estórias, o anel dos maravilhados. Amavam-se”. O mel do maravilhoso seria, portanto, a metáfora da ação providencial que, vindo em momentos como aquele narrado na história, resulta na união, no “anel”, daqueles que se entregam e acreditam nela, ou seja, os “maravilhados”. A vaca é, por fim, descrita como “vaca-vitória” por ter conseguido transmitir o ensinamento que lhe cabia ao conduzir o rapaz, através de seus próprios passos, ao que lhe estava destinado.

3.3 A providência como macrocosmo

Em *A memória e o olhar em contos de Primeiras estórias* (2001, p.159), Rosiane Cristina Runho afirma que

[...] em termos de progressão narrativa, o que ocorre é a apreensão cada vez mais espiritualizada de Deus pelo homem, consistindo, nisso mesmo, a idéia de iniciação cristã. [...] em “Seqüência”, a viagem da Pedra à Pãodolhão corresponde, igualmente, à idéia de iniciação, se não cristã, com certeza pautada pela progressão espiritual: o filho de Seo Rigério, tendo à frente a vaca vermelha, “uma criatura cristã”, desprende, aos poucos, seus olhos do que é terreno e ascende a visões celestes, dentre as quais se destaca a da pele muito alva da moça, visão amorosa que o deixa maravilhado.

desprendimento das personagens em relação às coisas terrenas faz com que elas progridam espiritualmente e passem a perceber que suas vidas vão muito além do que aquilo que seus olhos podem aprisionar. Segundo a filosofia tomista,

[...] o sujeito agente é criado como tal, isto é, como agente e também como sujeito; e a sua ação é também criada; é uma participação da Ação primeira, como o sujeito é participação da Substância primeira: duas coisas idênticas. Nelas se esconde o mistério das participações, o mistério da aliança e da conciliação entre o Ser absoluto e os seres participados, entre o Infinito e o finito. (SERTILLANGES, 1951, p.200)

No caso dos contos selecionados para este estudo, o fato de as personagens envolvidas no processo de mudança aceitarem o que lhes é imposto favorece essa conciliação mencionada pelo padre Sertillanges uma vez que, segundo S. Tomás, a submissão representa fé verdadeira na ordem traçada pela providência divina. Além disso, a relação entre os chamados Ser absoluto e seres participados só se dá quando os últimos se sentem partes do primeiro, ou melhor, quando as personagens percebem que a ordem de todas as coisas está traçada e, a partir daí, entregam-se ao que lhes está reservado.

Importante é notar que um dos livros do padre Sertillanges – *Affinités* – encontrado na biblioteca pessoal de Guimarães Rosa no Instituto de Estudos Brasileiros da USP apresenta muitos grifos e, entre eles, alguns encontram-se no capítulo sobre a providência de Deus: “No universo de Deus somos apenas filhos [...] O que nos convém é nos abandonarmos,

Tais grifos evidenciam a importância da fé e da aceitação da ordem da vida regida pela providência divina e tal resignação fica evidente nos contos selecionados tanto por parte de Sionésio, quanto do filho de Seo Rigério e de Seo Cesarino e Pedro Mourão. Todos eles enfrentam dificuldades até o momento em que aceitam mudar o rumo de suas vidas, deixando de lado o medo – no caso de Sionésio, da doença que poderia estar por trás da beleza de Maria Exita; no caso do filho do Seo Rigério, do desconhecido; no caso de Drizilda, do passado sofrido e, no caso de Seo Cesarino e Pedro Mourão, medo de que o que já estava ruim pudesse piorar. Todavia, todos eles aceitam o que a ordem providencial lhes havia reservado e acabam por encontrar o que lhes era devido, Sionésio encontra “o exato, grande, o repentino amor – o acima” (ROSA, 1968, p. 156); o filho de Seo Rigério, o “bem-chegado”, encontra na fazenda do Major Quitério, a moça que lhe era destinada e compreende que “aquilo mudava o acontecido” (ROSA, 1968, p. 69); Drizilda encontra uma “paixão para toda a vida” (ROSA, 1969, p.20); Seo Cesarino “que também, logo, com um tempo, pegou a compor o estável. Simplesmente que fez negócios grandes, dobrou, dezenou, engrossou fortuna” (ROSA, 1969, p. 124) e Mourão “lavorou , ganhou, parou empapado de rico, sumo dono do arraial, quase” (ROSA, 1969, p. 124).

Todos esses desfechos reiteram a idéia instaurada nos primeiros parágrafos das narrativas: em “Substância”, vê-se que o processo de disseminação providencial metaforizado na figura do polvilho: “Do ralo às gamelas, da masseira às bacias, uma polpa se

rumo, que reto a trazia, para o rio, e – para lá do rio – a terras de um Major Quitério, nos confins do dia, à fazenda do Pãodolhão (ROSA, 1968, p. 65)

Nesse trecho, o fato de a vaca viajar já nos remete ao conceito de “viagem redonda” que, segundo Benedito Nunes (1969, p. 175), é

[...] a travessia das coisas, - que é vivência e descoberta do mundo e de nós mesmos, nessa aprendizagem da vida, em que o próprio viver consiste – a viagem-travessia que se transvive na lembrança, constitui o saldo imponderável das ações que a memória e a imaginação juntas recriam.

Além disso, a palavra “cristã” também chama nossa atenção ao aparecer na descrição do modo como ela “viajava”, pois forma-se aí uma metáfora que será desenvolvida no decorrer da narrativa: a da viagem como travessia, como aprendizado, que deve ser feita com fé e com determinação, assim como faz a vaquinha durante todo seu percurso. Além disso, a providência delega a esse animal a função de conduzir o filho do Seo Rigério ao que lhe estava destinado e, durante a travessia do rapaz, ele também terá que adquirir esses mesmos valores, terá, como já vimos, que se aprimorar espiritualmente, para depois poder viver o amor. Por fim, temos também a sugestão da metáfora do rio, pois, já no primeiro parágrafo, sabemos que o caminho da vaca trazia-a “para o rio, e- para lá do rio” e vimos que no decorrer da narrativa esse trecho será desenvolvido e representará o processo de purificação pelo qual deve passar o filho de Seo Rigério. Portanto, vê-se que o primeiro parágrafo já sugere tudo que a narrativa desenvolverá posteriormente

avesso de um silêncio onde o mundo dá suas voltas” (ROSA, 1969, p. 99). Tal descrição também nos remete à definição, já mencionada, de Benedito Nunes da viagem redonda na qual o que importa é a travessia e não o começo ou o fim; quando atentamos muito para a entrada e a saída, não prestamos a atenção devida à passagem que é justamente onde se dá o aprendizado. Além disso, vemos nesse primeiro parágrafo mais uma metáfora, pois “o avesso de um silêncio onde o mundo dá suas voltas” nos remete à disseminação da ação providencial que se dá durante toda a narrativa, porém de maneira encoberta, no “avesso” realmente, e é ela a responsável pelas “voltas”, ou seja, pelas mudanças que ocorrem no mundo.

É, portanto, com base nessa análise que concluímos que o processo de construção da história secreta – a alegoria – dá-se da seguinte maneira nos quatro contos: primeiramente temos um parágrafo extremamente sugestivo, rico em metáforas que, posteriormente, serão desenvolvidas no decorrer das narrativas e retomadas, porém de forma mais elucidativa, no último parágrafo. Constatamos, enfim, que cada um dos textos analisados consiste num microcosmo único, mas todos encontram-se dentro de um mesmo macrocosmo, uma vez que, cada um a seu modo, ilustra o modo como se dá o processo da ação providencial, sem, contudo, mencioná-la.

Capítulo 4

4.1 No arroio, a mediação das santas

Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado... (ROSA, 1982, p. 169)

Após termos analisado dois contos provenientes de *Primeiras estórias*, passemos para *Tutaméia (Terceiras estórias)* e, para tanto, optamos por analisar um de seus contos, “Arroio-das-antas”, no qual a atuação da providência divina pode ser, mais uma vez, claramente identificada. Todavia, antes de tudo, é preciso lembrar o que Paulo Rónai (1969, p. 194) afirma haver ouvido de Guimarães Rosa a respeito desse livro de modo geral,

[...] deixando de lado o recato da despretensão, ele me segredou que dava a maior importância a este livro, surgido em seu espírito como um todo perfeito não obstante o que os contos necessariamente tivessem de fragmentário. Entre estes havia inter-relações as mais substanciais, as palavras todas eram medidas e pesadas, postas no seu exato lugar, não se podendo suprimir ou alterar mais de duas ou três em todo o livro sem desequilibrar o conjunto. A essa confissão verbal acresce outra, impressa no fim da lista dos equivalentes do título, como mais uma equação: “*mea omnia*”. Essa etimologia, tão sugestiva quanto inexata, faz de *tutaméia* vocábulo mágico tipicamente rosiano, confirmando a asserção de que o ficcionista pôs no livro muito, se não tudo, de si.

certamente, da essência ou, como chamamos nas análises anteriores, a história secreta que pode ser lida nos interstícios daquela que nos é narrada. É, por exemplo, com a seguinte epígrafe de Schopenhauer que Guimarães Rosa abre o livro: “Daí, pois, como já se disse, exigir a primeira leitura paciência, fundada em certeza de que, na segunda, muita coisa, ou tudo, se entenderá sob luz inteiramente outra”; e é com outra epígrafe do mesmo autor que ele introduz o índice de releitura: “Já a construção, orgânica e não emendada, do conjunto, terá feito necessário por vezes ler-se duas vezes a mesma passagem” (ROSA, 1969, p. 193).

Ademais, essa obra, considerada por parte da crítica especializada como livro-chave para a interpretação da obra de Guimarães Rosa, apresenta, no conjunto dos quatro prefácios, uma espécie de profissão de fé do escritor que muito interessa aos estudiosos rosianos de modo geral e a esta pesquisa em particular, no que diz respeito à importância da religiosidade, em seus mais diversos aspectos e, sobretudo, desprovida de qualquer dogmatismo. Sendo assim, a leitura das histórias e dos prefácios levaram-nos a refletir acerca da riqueza que existe por trás da concisão dessas narrativas curtas também no que se refere à ação providencial.

Entre os prefácios, o que nos chamou mais a atenção foi o último – “Sobre a escova e a dúvida” - no qual aparecem, segundo Rónai (1969, p. 196), “confissões das mais íntimas” e o qual nos permitiu reafirmar a importância da religião e, inclusive, mais especificamente da noção de providência divina, nas obras de Guimarães Rosa.

protoprincípio – pio, inabalável. E a Providência: as forças que regem o mundo, fechando-o em seus limites segundo Anaximandro. Tinha fé – e uma mangueira. Árvore particular, sua, da gente.” (ROSA, 1969, p. 148). A mangueira, do modo como nos é descrita, como fonte infinita de vida, representa a capacidade de Tio Cândido de ver o universal, o infinito, dentro de todas as coisas, inclusive das mais banais, presentes no nosso dia-a-dia. Em *Affinités*, Sertillanges (1936, p. 50, tradução nossa) também afirma que “Tudo, na natureza, se relaciona. Uma flor anuncia pelo seu crescimento e suas nuances sucessivas, pela sua vida, pela sua morte, que um astro, no fundo do céu, está no mesmo ponto de sua órbita que no ano anterior”⁶, como se tudo fosse conduzido pelas mãos de Deus, e é justamente ele que Tio Cândido parecia ver quando olhava “valentemente” a mangueira. Foi ele quem sugeriu que Guimarães Rosa (1969, p. 149) redigisse “um abreviado de tudo” e o fez à pessoa certa, pois o escritor era consciente de que “Por absurdo que pareça, a gente nasce, vive, morre. Tudo se finge, primeiro; germina autêntico é depois.” (ROSA, 1969, p. 149), como se já soubesse o que diz Sertillanges (1936, p. 51):

Em tudo, na natureza, na história, nas civilizações e em nossa vida, os acontecimentos aparentemente dispersos se apresentam ao olhar crente como uma paisagem de linhas harmoniosas ainda que sejam a cada instante fugidias e secretas, e o todo mergulha em uma luz sobrenatural.⁷

Sertillanges (1936, p. 62, tradução nossa), está ligado à ordem verdadeira do mundo, incluída, por sua vez, no “instante que compreende todos, no instante criador transcendente a todas as durações”⁸. Com base nessa noção de tempo e no que o autor do prefácio em questão segue expondo a respeito da felicidade: “um modo sem seqüência, desprendido dos acontecimentos – camada de nosso ser, por ora oculta – fora dos duros limites do desejo e de razões horológicas” (ROSA, 1969, p. 150), é possível dizer que tal modo está também estreitamente relacionado ao que afirma Sertillanges (1936, p.77, tradução nossa)⁹ na seguinte passagem: “a felicidade não é um acontecimento, mas uma aptidão”

Vejamos em “Arroio-das-antas” de que maneira esse conceito de felicidade como aptidão, ou seja, como habilidade ou capacidade resultante de conhecimentos adquiridos, está ligado ao processo de aprendizagem, de crescimento espiritual, que se dá em mais esse conto. Porém, como mostramos, o processo de evolução espiritual pelo qual passaram as personagens-aprendizes das narrativas anteriormente analisadas, promove uma evolução ainda maior na composição em questão pelo fato de afetar não apenas Drizilda – a personagem-aprendiz – mas, inclusive, as velhinhas e, principalmente, a avó Edmunda. Analisamos também de que forma, em “Arroio-das-antas”, a caridade que, de certa forma, já havia se feito presente em “Substância” – através da atitude de Nhatiaga – far-se-á novamente presente, mas, dessa vez, de forma dominante e essencial para a compreensão da história secreta que se encontra por trás da travessia ascendente de Drizilda e de avó Edmunda.

iluminação possa acontecer num átimo, a aprendizagem exige um lento processo de amadurecimento que, por sua vez, requer uma enorme paciência já que, não muito raramente, a iniciação pode durar toda a vida. O momento da iluminação pode coincidir com o momento da morte. Nesse caso a existência do homem aqui na terra, a própria vida humana, é apenas aprendizagem; e o que se aprende é o reconhecimento da vida como passagem para o conhecimento absoluto. Esta é a visão de Guimarães Rosa se levarmos a termo as proposições implícitas sobre o tema em *Tutaméia*.

No caso de “Arroio-das-antas”, ambas as situações mencionadas por Novis ocorrem, ou seja, há no conto uma personagem – Drizilda – que passa por um processo de amadurecimento, durante o qual se dá a mudança qualitativa de seu estado, que culmina no momento da iluminação; mas há também outra personagem – avó Edmunda – cujo momento de iluminação coincide com o momento da morte. Sendo assim, veremos de que maneira avó Edmunda vive, a um só tempo, como mestre e aprendiz, e como Drizilda, apesar de toda sua fragilidade inicial, atua simultaneamente como aprendiz e mediadora da ação providencial que se dá na vida de avó Edmunda. A escolha dessa narrativa deve-se justamente à forte presença da ação providencial, mas, sobretudo, ao fato de ele ir além no que diz respeito à relação mestre-aprendiz, pelo fato de lidar, dentre outras coisas, com a morte, vista no conto como auge do processo de amadurecimento e motivo de júbilo por consistir na passagem para o conhecimento absoluto.

É dessa forma que essa composição representa de forma exemplar o que Novis (1989, p. 26) afirma a respeito de graus de aprendizagem:

Essa economia de palavras e a linguagem ainda mais cifrada que Guimarães Rosa apresenta nessas *Terceiras estórias* nos levam a refletir acerca do que ele afirma no primeiro prefácio do livro – “Aletria e hermenêutica” – “A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota” (ROSA, 1969, p. 3). Segundo Audemaro Taranto Goulart (2007, p. 22) em “Veredas do imaginário: a busca da gênese da criação em Guimarães Rosa”,

[...] se se fizer a regressão no sentido de mostrar que a estória não quer ser história, que quer ser contra a História, que quer se parecer com a anedota e, por conclusão, quer-se fazer no chiste, tira-se a conclusão de que a estória trafega no terreno da poesia e da transcendência, reúne os atrativos de um dom sobrenatural, caracterizando-se como algo alegórico e espiritual, catalisador do não-prosaico. Por tudo isso, ela propõe uma realidade superior e dimensões que abrigam mágicos e novos sistemas de pensamento.

É nessa mesma linha de pensamento de Goulart, no que diz respeito ao sentido maior que se encontra nas entrelinhas das “estórias” rosianas, que passamos à análise de mais uma alegoria da ação providencial, que vai atuar, dessa vez, no Arroio, através da mediação de santas velhinhas.

4.2 A metáfora da flor

O mal está apenas guardando lugar para o bem. O mundo supura é só a olhos impuros. Deus está fazendo coisas fabulosas. Para onde nos atrai o azul? – calei-me. Estava-se na teoria da alma. (ROSA, 1969, p. 165)

um assombro, ou melhor, a ação providencial, ocorre na vida de Drizilda e de avó Edmunda, concentrada no parágrafo final da narrativa, no momento em que o narrador afirma: “Aqui, na forte Fazenda, feliz que se ergueu e inda hoje há, onde o Arroio.” (ROSA, 1969, p. 20).

O conto em questão apresenta caráter exemplar, pois é o ocorrido que vai realmente responder à pergunta relacionada à possibilidade ou não do assombro. As perguntas que encontramos no decorrer do texto constituem uma das maneiras de o autor cifrar a história secreta que, por sua vez, pode ser encontrada através das sugestões, das possíveis influências religiosas presentes nos interstícios dessa história e da poeticidade.

Retomando o que diz Edward Lopes (1986), a alegoria admite ao menos duas interpretações e dois textos: a interpretação literal produzida pelo texto manifestante e a interpretação figurada, produzida pelo texto manifestado e que se realiza através da leitura do mesmo como plano de expressão de outra coisa. Sendo assim, com relação à interpretação literal - o que corresponde à leitura no nível zero segundo o Grupo μ - a história é, basicamente, a seguinte: Drizilda, uma menina de cerca de quatorze anos, fica viúva quando o próprio irmão mata seu marido por julgar que este a desdenhava. Em meio a tamanho sofrimento, ela segue para um lugar longínquo chamado Arroio-das-antas, onde conhece as “sobejas secas velhinhas” que ali vivem e que passam a orar por ela. Após algum tempo, uma das velhinhas – avó Edmunda – morre e, no momento do enterro, Drizilda encontra-se com um Moço, sua “paixão para toda a vida”. Fica claro que se trata de uma história de amor, cuja

se abrir para inúmeras possibilidades de leitura e ainda assim continuar nos passando a impressão de inesgotável.

Já no primeiro parágrafo do conto, mais especificamente na última frase deste, o narrador apresenta-nos o tema que será desenvolvido no decorrer da narrativa:

Aonde – o despovoado, o povoadozinho palustre, em feio o mau sertão – onde podia haver assombros? Trouxe-se lá Drizilda, de nem quinze anos, que mais não chorava: firme delindo-se, terminavelmente, sozinha viúva. Descontado que a esquecessem. Ela era quase bela; e alongavam-se-lhe os cabelos. A flor é só flor. A alegria de Deus anda vestida de amarguras. (ROSA, 1969, p. 17)

Apesar do tom de fatalismo presente em alguns termos desse primeiro parágrafo, como, por exemplo, “terminavelmente” e “A flor é só flor”, a frase que fecha o parágrafo indica que todas essas amarguras podem fazer parte do plano de Deus, da alegria que Deus concede a todos os seres através da providência, das forças desconhecidas – e muitas vezes impossíveis de serem entendidas – que regem o mundo. Sobre esse mesmo assunto Sertillanges (1936, p. 70, tradução nossa) afirma o seguinte:

Ah! O olho simples do Evangelho, que no-lo dará para mostrar o único necessário, e a facilidade infantil de tudo, e o jogo que se torna a vida, com suas supostas infelicidades, que são úteis, seus pretensos obstáculos, que são caminhos! Uma vez escondidos em Deus, pode-se brincar com as dificuldades materiais ou espirituais como a sabedoria criadora brinca no universo “o tempo todo”. Nada mais de inimigo. Não temos outro inimigo senão nós mesmos, e em nós mesmos, o único mal ou desejo imperfeito:

Vê-se que ambos os textos – tanto o parágrafo inicial do conto quanto o trecho de Sertillanges – transmitem basicamente a mesma idéia, embora Guimarães Rosa condense o conteúdo em apenas uma frase. É, portanto, com base no que o próprio autor de *Tutaméia* afirma em um dos prefácios do livro – “Aletria e hermenêutica” – “Ergo: O livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber. Quod erat demonstrandum” (ROSA, 1969, p. 12) que pretendemos mostrar de que forma Guimarães Rosa demonstra a ação providencial, sem, contudo, mencioná-la, através da trajetória de Drizilda e de avó Edmunda.

Tomando, então, mais uma vez, a providência como a grande alegoria, nossa interpretação da figura nortear-se-á pela leitura do texto manifestante como plano de expressão da disseminação dessa ação providencial, ou seja, a grande alegoria é expandida através de outras metáforas que, apesar de distintas, referem-se sempre a ela. Partimos da metáfora que é uma constante no texto como um todo: a da flor. Logo no primeiro parágrafo, o narrador afirma que “A flor é só flor”, ou seja, a flor, desprovida de todas suas potencialidades, representa a condição inicial de Drizilda, sem esperanças, sem maiores expectativas, desiludida, como uma flor que não apresenta chances de rebrotar. Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant em *Dicionário de símbolos* (1995, p.437/438)

Embora cada flor possua, pelo menos secundariamente, um símbolo próprio, nem por isso a flor deixa de ser, de maneira geral, símbolo do princípio passivo. O cálice da flor, tal como a taça, é o receptáculo da atividade celeste, entre cujos símbolos se devem citar a chuva e o orvalho.

caso, esse processo consiste na evolução espiritual pela qual Drizilda deve passar até o momento em que ela brotará novamente, ou, em termos rosianos, deixará de ser “só flor” tornando-se “reflor”.

No segundo parágrafo, o narrador dá continuidade a essa metáfora quando passa a descrever todas as dificuldades pelas quais sofria Drizilda: a morte do marido, o crime do irmão, o fato de não ter tido filhos, parecia “fadada ao mal, nefandada”, e o parágrafo se fecha, mais uma vez, envolvendo a flor, mas, nesse caso, com tom de fatalismo, de descrença: “Tanto vai a nada a flor, que um dia se despetala” (ROSA, 1969, p. 17). Essa visão, de acordo com o texto citado de Sertillanges, resume o pensamento daqueles que não acreditam que as dificuldades podem ser a ponte necessária para a alegria.

Após a primeira referência que o narrador faz às “sobejas, secas velhinhas, tristilendas”, o escritor encaixa a seguinte sugestiva pergunta: “Que faziam essas almas?” e não é a toa que o termo “almas” é empregado ao invés de “velhinhas”. O termo “almas” remete-nos ao fato de essas velhinhas estarem já num grau de evolução espiritual avançado, já desligadas da matéria, são mais alma do que corpo e, portanto, estão se preparando para o último passo rumo à vida eterna: a morte. Trata-se aqui do que Vera Novis afirma a respeito do momento de iluminação que pode coincidir com o momento da morte. Segundo ela, nesse caso, a vida é apenas aprendizagem durante a qual se aprende a reconhecer a vida como passagem para o conhecimento absoluto.

ignoravam que queriam – feito romance, outra maneira de alma.” (p. 18), reafirmando o grau de desligamento material – índice de evolução espiritual – dessas velhinhas que já estavam esperando “a noite”, metáfora da morte. Por outro lado, o narrador dá-nos um indício de que elas tinham consciência de que a velhice, pela proximidade do último passo em direção ao conhecimento absoluto, “era-lhes portentosa lanterna”, ou seja, a evolução espiritual que elas atingiram, permite-lhes enxergar além das evidências e interceder junto ao Espírito Santo.

Apesar de todas elas serem-nos apresentadas de uma única e mesma forma e de o narrador deixar clara a ternura que todas passam a sentir por Drizilda, há um momento em que avó Edmunda, “sob mínima voz, abençoou-a: ‘Meu cravinho branco...’ e, no decorrer do conto, percebemos a importância dessa benção tanto para quem deu – avó Edmunda – quanto para quem recebeu. Interessante é notar a relevância dos termos empregados nessa fala uma vez que “meu” refere-se a avó Edmunda – quem abençoa – e, segundo o *Dicionário do folclore brasileiro* (CASCUDO, 1972, p.319), a entrega de cravo branco significa uma declaração de amor, um sim notório, uma aceitação.

Também o branco (*candidus*) é, segundo o *Dicionário de símbolos* (CHEVALIER, 1995, p.141), “a cor do candidato, i.e., daquele que vai mudar de condição”, além disso, “a valorização positiva do branco [...] também está ligada ao fenômeno iniciático. Não é atributo do postulante ou do candidato que caminha para a morte, mas daquele que se reergue e que renasce, ao sair vitorioso da prova”. Fica claro que a benção é, na verdade, bilateral, porque

por não vir. A gente se esquece – e as coisas lembram-se da gente” (p.18). Na seqüência deparamo-nos com mais uma pergunta envolvendo a metáfora da flor: “Sem senhor, sem sombras, tão lesada; como as mais do campo, amarelas ou roxas, florzinha de má sorte?” (p. 18). Trata-se aqui de mais uma estratégia do narrador para fazer o leitor crer na primeira impressão que a condição inicial de Drizilda pode causar. Segundo Sertillanges (1936), um dos grandes erros cometidos pela humanidade é acreditar que as dificuldades decorrem simplesmente da má sorte, uma vez que, de acordo com a fé cristã, as dificuldades são uma possibilidade de avanço espiritual e, portanto, conduzem todos os seres pelo caminho da virtude rumo à felicidade. Porém, para que a ação providencial que modificará a situação de vida da personagem se dê, faz-se necessária a ação dos mediadores que, nesse caso, são as velhinhas. Estas, observando o sofrimento de Drizilda,

[...] tramavam já com Deus, em bico de silêncio [...] Tomavam, todas juntas, a fé de mortificadas orações, novenas, nômimas, setêmplices. – ‘Deus e glória!’ – adivinhavam, sérias de amor, se entusiasmavam. Elas, para o queimar e ferver de Deus, decerto prestassem – feixe de lenhazinha enxuta. Para o forçoso milagre! (p.18/19).

Essa postura das velhinhas faz lembrar o que se lê no Evangelho segundo São Mateus (18: 19-20) onde consta que Jesus disse: “Se dois de vós se unirem sobre a terra para pedir, seja o que for, consegui-lo-ão de meu Pai que está nos céus. Porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.” O que elas pediam era que Drizilda

mudança – “Ela queria a saudade” (p.19) – e, sem que ela se desse conta, era movida adiante pela ação das velhinhas que “aspersgiam-na, persignavam-lhe o travesseiro e os cabelos” (p.19) e com isso se dá o milagre, a mudança – “Comutava-se” (p.19)”- , ela passa a ter “olhos de receber, a cabeça de lado feita a aceitar carinho – sorria, de dom” (p.19), todavia, faltava a ela um grande amor, e, como se já o esperassem, uma das velhinhas profere: “Todo dia é véspera...” indicando que a chegada desse amor poderia ocorrer a qualquer momento.

A metáfora da flor que havia sido instituída logo no primeiro parágrafo, aparece também nesses parágrafos finais da narrativa, quando as velhinhas percebem a mudança dando-se em Drizilda: “viam-na em rebroto – o ardente da vida – que, a tanto, um dia, ao fim, da haste se quebra” (p.19) e é nesse momento que coincidem o renascimento de Drizilda e a morte de avó Edmunda. Interessante é notar que as demais velhinhas não lamentam a morte, pelo contrário, elas jubilam-se, pelo fato de compreenderem que, naquele momento, tanto avó Edmunda quanto Drizilda haviam atingido uma nova etapa de seu avanço espiritual, a primeira rumo à vida eterna e a segunda rumo a uma nova vida. Cumpre-se o pacto, as velhinhas tornam-se ainda “mais almas” pelo ato de caridade que fazem, Drizilda encontra um Moço cuja descrição encaixa-se perfeitamente no que ela havia se tornado, uma vez que ele tem “olhos de dar” aquilo que os olhos dela tinham para receber, “de lado a mão feito a fazer carícia” na cabeça dela “de lado feita a aceitar carinho” e ele, por fim, “sorri dono” do sorriso “de dom” que a ação providencial fez com que ela recuperasse.

Capítulo 5

5.1 O “Homem do Pinguelo”: a figura do invisível

Segundo João Adolfo Hansen (1986, p. 15),

[...] como procedimento retórico, a alegoria subentende o projeto de afirmar uma presença *in absentia* [...] Mais fortemente, ela serve para demonstrar (*ad demonstrandum*), pois evidencia uma ubiquidade do significado ausente, o qual se vai presentificando nas “partes” e no seu encadeamento no enunciado.

Vimos no decorrer da análise dos demais contos que o significado ausente a que se refere Hansen – no nosso caso, a providência divina – vai se presentificando, através do que denominamos disseminação da providência, no decorrer do texto. Enquanto em “Substância” a alegorização da providência dá-se através da expansão da metáfora do polvilho, em “Seqüência”, ela se desenvolve a partir da metáfora – também expandida – da viagem e n’ “A estória do Homem do Pinguelo” ela aparecerá figurativizada no Homem do Pinguelo, entidade misteriosa descrita por um dos narradores desse intrigante conto de Guimarães Rosa.

Levando em consideração o fato de que

[...] a alegoria pode facilitar a expressão [...] concretiza abstrações, tornando-as mais ‘fáceis’, e, ao mesmo tempo, indica o próprio procedimento, impedindo que o leitor seja literal. (HANSEN, 1986, p.17),

temática da viagem; em “Arroio-das-antas” a temática da fé e, por fim, n’ “A estória do Homem do Pinguelo”, a temática do destino. Outra opção seria

[...] ler-se a narrativa não por ela mesma, mas como ornamentação de outro discurso implícito, subtexto que vai sendo produzido à medida que se lê. O critério da legibilidade da alegoria como expressão retórica é, classicamente pensado, o desse discurso implícito: seu desconhecimento, sua obscuridade ou sua incoerência determinam alterações na recepção. (HANSEN, 1986, p. 18)

Neste trabalho, a análise do discurso implícito torna-se fundamental uma vez que é ele que nos remete à ação providencial que é, aos poucos, introduzida nos interstícios da narrativa através de alusões. Para tanto, tomamos como ponto de partida a noção de providência divina segundo S. Tomás de Aquino. A opção se deve, em primeiro lugar, ao fato de que o modo como Guimarães Rosa trata a providência em suas composições aproxima-se daquele explicitado por S. Tomás de Aquino. Ademais, Aquino afirma que “o ponto de partida para o simbolismo generalizado das Escrituras é o poder de Deus, que ordena o curso das coisas de modo que elas também se tornam símbolos de outras”. Segundo ele,

[...] a primeira significação, aquela pela qual os nomes empregados exprimem determinadas coisas, corresponde ao sentido histórico ou literal. A significação segunda, pela qual as coisas expressas pelos nomes significam de novo outras coisas, é o que se chama sentido espiritual. (AQUINO apud HANSEN, 1986, p. 56)

coisas tem duas finalidades: a verdadeira fé e a boa conduta. (AQUINO, *Quaest. Quod.* apud HANSEN, 1986, p. 57)

Também nos contos analisados vê-se que a verdade – revelada pelo discurso implícito – tem as mesmas finalidades que S. Tomás aponta na Escritura: a verdadeira fé, ponto de partida para o aprimoramento espiritual das personagens que chamamos aprendizes e a boa conduta, pois é preciso ter um comportamento íntegro, uma boa índole e, além de tudo, o desejo de mudança, para que a transformação ocorra. Em “Substância”, fica evidente o percurso de Sionésio até o momento em que ele atinge o estágio de evolução espiritual necessário para viver o amor com Maria Exita. No início do conto, ele é descrito como um homem a quem “faltavam folga e espírito para primeiro reparar em transformações” (ROSA, 1968, p. 151), o que nos informa que ele não havia reparado nas transformações pelas quais Maria Exita havia passado desde que chegou à fazenda, e também – através do discurso implícito que, de maneira encoberta, anuncia o que seguirá – que ele ainda não tinha o espírito preparado para compreender as transformações na sua vida ocasionadas pela providência divina.

Assim, a história segue e sabemos que ele “amava o que era seu – o que seus fortes olhos aprisionavam” (p. 152); porém, passa a sentir “uma fadiga. O ensimesmo” (p.152), primeiro sinal de mudança. Todavia, ele ainda sente-se auto-suficiente pelo fato de que, até nesse momento, “era a pessoa manipulante” (p.152), capaz de dominar e manipular a própria

maior segurança: “sem ela, de que valia a atirada trabalhadeira, o sobreesforço, crescer os produtos, aumentar as terras? Vê-la, quando em quando. A ela – a única Maria no mundo” (p. 155).

O terceiro passo dá-se, já no segundo momento da narrativa, quando sabemos que “tomara a ele que tudo ficasse falso, fim” (p.155), o que evidencia uma mudança muito grande de valores, tudo passa a girar em torno do que ele não tem, do amor de Maria Exita que deve ser conquistado. Essa necessidade faz com que ele perceba a importância da fé e da coragem, fé em que as coisas mudaram por uma boa causa, porque aquela sim era a ordem devida, regida pela providência, e coragem, para poder aceitar e enfrentar os desafios que ela impõe para se concretizar. O desafio, nesse caso, encontra-se metaforizado no polvilho, por isso, a partir do momento em que ele, como ela, consegue quebrar o polvilho sem ter os olhos ofuscados, vemos que ele passa a acreditar na providência divina, sem temer.

Em “Seqüência”, acompanhamos a travessia do filho de Seo Rigério que apresenta etapas encadeadas de modo muito semelhante ao que se deu em “Substância”: a princípio, o rapaz “quis-se, de repente, para aquilo: levar em brio e tomar em conta [...] Soubesse o que por lá o botava, se capaz. [...] Ia desconhecidamente.” (ROSA, 1968, p. 66); percebe-se, portanto, que ele opta por buscar a vaca, o que já é um primeiro passo para a ação providencial. Contudo, no decorrer da perseguição, somos levados para o segundo momento da narrativa em que o rapaz passa a questionar a escolha que havia feito: “Ele agora se

metaforizado na travessia do rio, através do qual o rapaz se purifica espiritualmente, assim como fez Sionésio, antes de encontrar seu verdadeiro amor.

Esses processos de construção do texto, repletos de alusões e metáforas, conduzem-nos ao que S. Tomás denominou sentido espiritual e, portanto, nos levam a refletir acerca das figuras que foram escolhidas pelo escritor no intuito de representarem o que é invisível – a ação providencial. A figura do polvilho em “Substância” e a figura da vaquinha em “Sequência”, atuam como elementos mediadores dessas histórias que apresentam dois momentos principais, o primeiro de segurança, seguida de dúvida e um segundo momento de transformação, de adaptação aos fatos ordenados pela providência. Conclui-se, portanto, que tais figuras nos remetem, indiretamente, para a ação providencial.

“A estória do Homem do Pinguelo”, conto-chave para nossa análise, reafirma todas as considerações que fizemos até agora através da referência direta à ação providencial através da figura do Homem do Pinguelo. Enquanto nos demais contos temos sugestões diversas, dispersas na narrativa como um todo, aqui contamos, além de todas as sugestões, com uma entidade misteriosa, mencionada por um dos narradores – José Reles – que aparece em passagens de um momento a outro da narrativa.

Essa variedade de figuras que atuam como imagens do invisível, tomam o conceito neoplatônico da alegoria sem semelhança ou sem figura adequada. Segundo o Pseudo-Dionísio, o Areopagita,

O Areopagita toma a alegoria sem figura adequada como o melhor modo de figuração,

[...] não porque consiga dizer com ele o que o divino é, mas porque o divino fala no que não é. [...] No que concerne aos mistérios divinos, só negações são verdadeiras, pois toda afirmação a respeito de Deus é inadequada. Convém melhor ao caráter secreto Daquele que permanece em Si indizível revelar o invisível através de alegorias sem semelhança. A alegoria deve ser arbitrária, assim, sem termo de comparação. (HANSEN, 1986, p. 63)

Isso nos leva a crer que Guimarães Rosa também empregou a alegoria sem semelhança para tratar da providência divina e isso se justifica pelo texto do Areopagita que sugere que a falta de semelhança convém ao caráter misterioso do que é sagrado, ou seja, do que diz respeito a Deus e, portanto, à sua providência. É por isso que nessas narrativas curtas aqui analisadas a providência encontra-se metaforizada na vaca, no polvilho e no Homem do Pinguelo, e essas figuras diferenciam-se, por exemplo, do símbolo, pelo fato de não serem comuns, ou como diria o Areopagita, adequadas.

5.2 A instauração do mistério

Como vimos anteriormente, Guimarães Rosa faz uso de determinadas figuras para cifrar o processo de disseminação da ação providencial no discurso. Esse tipo de construção, expressa pela linguagem poética, favorece o caráter sempre aberto da obra, uma vez que as

realizada entre seo Cesarino e Pedro Mourão. O primeiro havia herdado a venda do pai, mas não sabia administrá-la, não cobrava o que lhe deviam, emprestava dinheiro, enfim, o armazém estava longe de ser o que havia sido quando o pai dele era vivo. Além disso, para piorar a situação, as águas de uma enchente entraram na venda, aumentando ainda mais o prejuízo de Seu Cesarino. Porém, o período seguinte foi de seca e afetou a outra personagem, Pedro Mourão, que, por sua vez, conduzia o que havia restado de uma boiada em busca de pastos e água. No caminho, José Reles conhece Mourão e ajuda-o, conduzindo-o até o vilarejo onde o boiadeiro pretendia comprar alguns produtos de que precisava. É na venda de seo Cesarino que a troca se dá: após avaliar os produtos do armazém, Pedro Mourão pergunta a Cesarino: “O senhor quer barganhar carne podre por fumo podre?” (ROSA, 1969, p.119). Nesse momento, a troca é efetuada; a partir daí, Mourão trabalha no armazém, torna-se dono de quase todo o arraial, enquanto seo Cesarino conduz a boiada até a fazenda de seo Caetano Mascarenhas, compadre de seu pai, onde a vende e passa a viajar e fazer grandes negócios.

Paralelamente à ocorrência de todos esses fatos, encontra-se a figura misteriosa do Homem do Pinguelo, entidade mencionada por José Reles, cuja aparição se dá em cada momento decisivo da história e cuja existência é questionada no decorrer da narrativa. Porém, a ambientação em que tal figura é inserida sugere que sua aparição vem ao encontro daquilo que acontecia, ou seja, o Homem do Pinguelo concretiza algo que vinha sendo disseminado desde o início do conto.

(1985, p.193) que, em sua tese de Doutorado trata, entre outras questões, d’“A estória do Homem do Pinguelo”,

Na estória, o Homem do Pinguelo é a possível personalização do destino ou da providência, o qual no tão só olhar e mirar as pessoas urde a sorte delas em situações de vida especialíssimas. A sua presença, porém, é duvidosa, não confirmada.

Entre outros pontos desenvolvidos em sua tese, Leonel discute o trabalho que o autor realiza por meio dos dois narradores e, para tanto, levanta questões que se tornam fundamentais à análise da disseminação da força providencial no decorrer do conto. Em relação ao fato de o narrador não-nomeado incentivar a narração por parte de José Reles, Leonel (1985, p.188) afirma que “enquanto elemento [José Reles] envolvido nos acontecimentos, existe a probabilidade de conseguir desvendar um ponto que permanece encoberto, misterioso” e é justamente esse mistério acerca da existência da providência, ou do Homem do Pinguelo, que sustenta o texto.

De modo mais amplo, a atuação da força providencial é mencionada também por Benedito Nunes em “A viagem” (1969, p. 173). Segundo o autor, a providência delega certas funções a determinadas personagens, principalmente àquelas que se encontram fragilizadas, e é “no ciclo da viagem que o destino se modifica e a ação da Providência se manifesta” (p. 176).

Caos e cosmos, de Suzi Sperber (1976), também vem ao encontro deste trabalho pelo

Guimarães Rosa, Suzi Sperber afirma que apenas um deles, *Devoirs* de 1936 mereceu anotações do escritor. Todavia, consultando os livros do escritor do Arquivo Guimarães Rosa pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP¹¹, constatamos que, em outro livro – *Affinités* de 1936 –, também existem muitos grifos, inclusive em um capítulo que trata especificamente da providência de Deus, como veremos adiante. Segundo a autora (SPERBER, 1976, p.83), os “textos de Sertillanges são filosóficos, ou tendem para o filosofar. Se a leitura de Sertillanges estimulou a criação rosiana, foi sobretudo na persistente busca da transcendência”.

5.4 Sugestivos narradores

A questão da transcendência está presente n’ “A estória do Homem do Pinguelo” desde o primeiro parágrafo, sugerindo um ciclo: “*Nada em rigor tem começo e coisa alguma tem fim, já que tudo se passa em ponto numa bola; e o espaço é o avesso de um silêncio onde o mundo dá suas voltas.*” (ROSA, 1969, p.99).

No conto rosiano em pauta, há um plano articulado pelo escritor que envolve tempo, espaço, personagens e narradores em uma rede de dúvidas e questionamentos, paralelamente à ocorrência dos fatos, sem, contudo, explicá-los. As dúvidas são levantadas e reafirmadas o tempo todo pela expressão “pouquinha dúvida”, dita diversas vezes por José Reles e uma vez,

Quando o narrador não nomeado abre o conto afirmando que “o espaço é o avesso de um silêncio onde o mundo dá suas voltas”, metaforicamente é introduzida a idéia da providência, como uma ordem que existe por trás de todos os acontecimentos e cujas “voltas” se dão no “silêncio”, uma vez que não as notamos a não ser que atentemos para os efeitos que elas provocam no “avesso”, ou seja, no espaço físico onde essa ordem se cumpre.

Segundo S. Tomás de Aquino (2001, p. 445/446),

A providência compreende duas coisas: a razão da ordem das coisas destinadas a seu fim e a execução dessa ordem, o que se chama *governo*. Quanto à primeira, Deus imediatamente provê todas as coisas. Porque em seu intelecto tem a razão de todas as coisas, mesmo das menores; e aquelas causas que preestabeleceu a alguns efeitos, deu-lhes o poder de produzi-los. Assim, é preciso que preexista em sua razão a ordem desses efeitos. – Quanto à segunda, a providência divina se vale de intermediários, pois governa os inferiores pelos superiores; não é por deficiência de seu poder, mas por superabundância de bondade, a fim de comunicar às criaturas a dignidade de causa.

No conto em questão, deparamo-nos com uma possível figura do que S. Tomás de Aquino denomina “intermediários”, o Homem do Pinguelo, uma vez que ele vem cumprir os já determinados planos da providência divina. Porém, na narrativa, a inserção de tal figura requer uma ambientação sugestiva para a disseminação providencial; vejamos como isso se dá no texto. Antes de mais nada, é preciso destacar que a fala do narrador não nomeado é, visualmente, diferente da de José Reles, uma vez que é grafada em itálico, enquanto as falas

nos acontecimentos que se dão nessa região não é o que todos acham que deve acontecer, mas o que é dado, o que já está traçado pela providência divina para que aconteça. Nessa mesma página (p.100), descobrimos mais a respeito de José Reles quando ele diz:

Dono de chácara, dono de sítio, de diversos – construção, carroças – perdi tudo, o mais perdi, parei no à-toa. Vivendo como não posso. Isso não tira de minhas alegrias. Hoje, já me revejo quase meio remediado, enquanto que é a outra vez. Saí de lá, andei morando em distantes comércios, guardei o de Deus, gastei o do diabo... Mas, o que no fim de cada mês me falta, a minha Nossa Senhora inteira. Com a ajuda superior, eu vivo é do que é o do bico dos pássaros...

Nesse trecho, já é possível notar o caráter otimista de José Reles, pois vemos que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, ele afirma que nada foi capaz de tirar dele as alegrias, mesmo porque tudo já passou, “é a outra vez”. Em seguida, também notamos o caráter religioso desse narrador que confia na “ajuda superior” – neste trabalho vista como a providência divina.

Em diversos momentos vemos que o narrador não-nomeado - apesar de questionar a figura do Homem do Pinguelo – também faz referências, de maneira menos direta, à ação providencial, como se dá no trecho que se segue sobre os pássaros: *“Dó é, porém, que tão desencontradas, contramente, suas revelações se confundam. E que, no impropício, rude ou frouxo dia-a-dia, ninguém tenha inda tempo capaz de entendê-los.”*. No trecho, refere-se aos diferentes cantos dos pássaros e, ao mesmo tempo, à disseminação da ação providencial que,

É sobre essas revelações, ou melhor, esse reconhecimento, que o narrador não nomeado fala, de forma metafórica, quando se refere às revelações dos pássaros, porque da mesma forma como os cantos se confundem e ninguém atenta a eles, a ação providencial dá-se o tempo todo e também não é percebida pelo mesmo motivo. Em meio às dificuldades, como aquelas que foram enfrentadas por José Reles, os traços deixados pela ação providencial são dificilmente reconhecidos. Interessante é notar que essa mesma idéia – de que as dificuldades prejudicam a percepção da providência – em *Affinités*, Sertillanges (1936, p. 57, tradução nossa) nos mostra que um

[...] aspecto de nossa parcialidade consiste em que, enumerando nossas infelicidades conhecidas, nós negligenciamos o número infinito de benefícios ignorados dos quais nossas vidas são feitas.¹²

Na página 101, mais uma vez de forma metafórica, encontramos mais uma importante característica desse narrador-personagem – no que diz respeito ao destino – quando ele diz:

[...] a sina ou os acasos, de outros, meus não são – e nem por sobra nem copiado, porventuras, parentescos. Pouquinha dúvida. Invejar é querer o peso de bagagens alheias, vazio. Pelo que tolero o justo mal ou bem de todos. O que há, é que eu uso de jogar de fora. Eu aprendi assim. Eu vivi mais pouco, pelo aprender mais antes coisas. Quem não é, não pode ser.

diferente, pois é proveniente dos dois narradores – mas principalmente de José Reles pelo caráter misterioso de seu relato – e dirige-se ao leitor, como ocorre nesse trecho que acabamos de citar em que fica claro o modo de pensar desse narrador-personagem. Dessa maneira, é possível identificar em José Reles valores e conceitos que fazem parte da filosofia tomista no que se refere à providência divina. No trecho em questão, ele mostra que cada um tem seu destino a cumprir, mas como tudo que é determinado pela providência visa o bem universal, pode ser que esses caminhos se cruzem e acabem se “emendando” como os cipós a que ele se refere. Portanto, temos aqui um breve resumo do que está por vir, porque essa metáfora dos cipós antecipa o encontro de Seo Cesarino e Pedro Mourão que fará com que suas vidas se transformem.

Antes de começar a contar a história da troca da venda por gado, o narrador afirma ser aquele “um forte caso, conteúdo, que nem dos de livro, conformemente. É estória achada” e fecha essa fala com a sugestiva afirmação: “do que se vive e que se vê, a gente toma a proveitosa lição não é do corrido, mas do salteado.” (ROSA, 1969, p.101). Segue a explicação do narrador não nomeado que vem reforçar a idéia de José Reles que, a seu ver, poderia ter soado confusa pelo “súbito acúmulo de adágios”:

[...] o que merece especulada atenção do observador, da vida de cada um, não é o seguimento encadeado de seu fio e fluxo, em que apenas muito de raro se entremostra algum aparente nexos lógico ou qualquer desperfeita coerência; mas sim as bruscas alterações ou mutações – estas, pelo menos

mencionados, empregados por Sertillanges - a um cantinho da obra da providência, a um momento do seu trabalho e devem, portanto, ser reconhecidas como tal.

Em seguida, deparamo-nos com mais um trecho significativo e fundamental à nossa análise, uma vez que reforça nossa idéia de que ambos os narradores são responsáveis pela disseminação da ação providencial no decorrer da narrativa e essa disseminação dá-se através da escolha de certos termos que contribuem para a construção desse misterioso relato, voltado, principalmente, para a sugestão da existência de uma força ordenadora na qual o narrador parece acreditar, mas sobre a qual opta por não tornar claro, apenas expor seus efeitos. A concretização dessa abstração – a figura do Homem do Pinguelo – tem a função de facilitar essa exposição por parte do narrador, de certa forma explicitando o que havia ficado implícito nos demais contos analisados neste trabalho. A história oculta alegorizada nas histórias exemplares em que consistem as narrativas analisadas neste trabalho, é cifrada, pelo narrador, de diferentes formas, nos diferentes contos. Entretanto, algumas estratégias, empregadas para que tal mistério seja cifrado, coincidem e uma delas consiste na omissão de uma explicação maior a respeito do que está sendo sugerido justamente para que o relato não adquira um caráter dogmático. No conto em questão, é importante notar que o narrador não nomeado comenta o fato de José Reles muitas vezes se denunciar – em relação a suas “secretas opiniões” –, o que deixa claro algo que também ocorre nos demais contos – a denúncia proposital do narrador através de sugestões – mas que, nesse caso, dá-se de maneira

Vê-se, portanto, que o próprio narrador não nomeado declara que a história narrada por José Reles possui um sentido oculto que pode vir à tona, como ocorreu nesse trecho, nos interstícios de seu discurso. Ademais, segundo o narrador não nomeado, existem “secretas opiniões ou involuntárias razões, que estariam a conduzi-lo [José Reles] no contar”; sendo assim, levantamos a hipótese de que essas secretas opiniões podem referir-se à crença, à opinião de José Reles em relação à providência divina, que ele pretende demonstrar de maneira encoberta, possivelmente pelo fato de querer manter, de certa forma, sua opinião em segredo, para que esta não abale o efeito de sentido que ele deseja provocar no observador, efeito este que, como vimos, pode estar relacionado ao reconhecimento da ação providencial sem que alguém precise identificá-la ou evidenciá-la. Todavia, o relato, assim como nos demais contos estudados, não consegue ser imparcial, uma vez que o narrador – responsável por conduzir a história e disseminar a ação providencial – deixa nas entrelinhas do seu discurso indicações de sua fé nessa força capaz de alterar o rumo de todos os acontecimentos.

Pelo fato de a sugestão da providência divina ser o fio condutor desta leitura, veremos como, n’ “A estória do Homem do Pinguelo”, os narradores se denunciam mais do que em “Seqüência” e “Substância”, porque, nesse caso, temos tanto um narrador homodiegético que, pelo fato de ser testemunha dos fatos, manipula-os da maneira que lhe parece mais conveniente, quanto um narrador heterodiegético que, estando ausente da história que narra, apresenta um tipo de autoridade diferente daquela do narrador testemunha e, portanto, faz uso

contos analisados adotam uma atitude demiúrgica em relação às histórias que contam. Com isso, como afirmam Reis e Lopes (1988, p.122), no *Dicionário de teoria da narrativa*, surgem dotados “de uma considerável autoridade que normalmente não é posta em causa”, ademais, “entendendo-se a objetividade narrativa como limite inatingível, o narrador heterodiegético protagoniza, de modo mais ou menos visível, intrusões [...] que traduzem juízos específicos sobre os eventos narrados.” (REIS; LOPES, 1988, p.123).

5.5 A estratégia das falas

Visando a análise dos procedimentos aos quais recorreu José Reles para contar a história de Seo Cesarino e Pedro Mourão, fizemos, a princípio, o levantamento e o exame de algumas falas dessas duas personagens – falas escolhidas por José Reles para ilustrar o seu relato – que denunciam a história oculta existente por trás do relato da troca. Vejamos como a inserção de tais falas se dá dentro do discurso desse narrador testemunha.

De forma a introduzir o caso que contará, o narrador descreve Seo Cesarino e seu pai e a forma como ele o faz nos leva a pensar em Seo Cesarino como um homem sempre pronto a ajudar, que não consegue ficar parado e que, contudo, havia se tornado – com a herança do pai – dono de uma venda. Ao descrevê-lo, o narrador afirma que “nunca se viu outro para andar com vontade de passo tão largo e estudado ligeiro”, além do mais, “a raiva, com ele, se

ainda viva e influente na memória de Seo Cesarino que, por sua vez, ainda se sente na obrigação de seguir os passos do pai, de não decepcioná-lo naquilo que outrora havia sido tão importante para ele.

A partir dessa breve apresentação de uma das personagens principais do conto, o narrador passa a ceder espaço para algumas falas que, como veremos, não foram escolhidas ao acaso, pelo contrário, foram escolhidas cuidadosamente para que fizessem surgir os momentos mais oportunos para o narrador comentar a possível aparição do Homem do Pinguelo. É dessa forma que ele organiza, comenta e articula todos os fatos. Vejamos então algumas das falas inseridas e comentadas por José Reles.

A primeira delas dá-se quando uma enchente agrava ainda mais a situação já calamitosa da venda de Seo Cesarino. Segundo José Reles, em meio a tanta má sorte, Seo Cesarino, “nos sem-fundos da razão” diz: “Estou para saber se algum dia se deu uma desgração igual a esta, nos outros saudosos tempos do meu Pai!...” E, após essa fala, segue o comentário de José Reles: “Daí mal em diante, foi que não vendia mesmo nada nem quase.” (ROSA, 1969, p. 105). Uma possível justificativa para a presença dessa fala é o modo como ela sugere o quão importante era para Seo Cesarino comparar-se ao pai, enquanto o comentário de José Reles mostra que de nada servia tal comparação, o que havia acontecido nos tempos do pai não tinham que ser – e realmente não eram – o que acontecia nos tempos do filho.

Em seguida, José Reles faz o seguinte comentário: “Se via que o seo Cesarino se fazia desprezos de com aquela herança errada estragada: parecia nos remorsos do que nem tinha feito nem desfeito sem perfazer. Dava o perdido por remido, o despertencido” e, dessa forma, conduz a fala de Seo Cesarino para o rumo que lhe convém, pois, levando em conta o fato de que a fala sugere a tristeza do dono da venda por não haver conduzido o negócio do pai como achava que devia, José Reles encontra nela o gancho de que necessitava para afirmar que aquela era uma herança “errada estragada”, que havia feito parte da vida do pai, mas que não devia fazer parte do destino do filho. Todavia, nota-se que o narrador é tão consciente das sugestões que faz – muitas das quais apenas deduz daquilo que viu – que prefere encaixar a expressão “Pouquinha dúvida”, após tais elucubrações para amenizar o que diz.

Noutro momento, enquanto bebiam juntos, Seo Cesarino, dirigindo-se a José Reles, diz o seguinte: “Agora, ôi. Ao que não tem mais arrumo. Se me, se mim, que me importa? Para não nascer , já é tarde; para morrer inda é cedo. Pior do que as coisas já se dizem que estão, ao menos não tem mais ameaça de outro piorar...” (ROSA, 1969, p. 108). Dessa maneira, José Reles mostra que Seo Cesarino havia realmente chegado ao limite de suas dificuldades e, em seguida, introduz um sinal de otimismo do dono da venda com a seguinte fala: “Deciso, então, seo Cesarino desfechou num rompante, desses, de nada antes de nada. É bem de ver que, tras hora, um rechupa alívios novos – de de-dentro mesmo da cuia da aflição.” (ROSA, 1969, p.

Pinguelo eu acho que estava lá, remirando a gente. Ele, às vezes, fio que costuma aparecer assim, em portas de vendas...” (ROSA, 1969, p. 109). Para fortalecer ainda mais sua hipótese, o narrador levanta a seguinte questão “Quem é que ajunta, no escuro, o que no claro vai aparecer? Nem não há nenhum lugar de nenhum momento” (ROSA, 1969, p. 109) e, sem responder essa pergunta, já passa para a segunda parte da narrativa onde vê-se que o mesmo procedimento se dá.

A outra personagem principal do conto, Pedro Mourão, é descrita pelo narrador – da mesma forma como este havia feito com seo Cesarino – enfatizando as dificuldades pelas quais estava passando: “estaria o boiadeiro ante todos os problemas – almirante em mar secado, com suas favas mal contadas, aprendiz do que não quis...”. (ROSA, 1969, p. 110). É importante notar que José Reles procura enfatizar em Pedro Mourão o que ele possuía de mais diferente de seo Cesarino, enquanto Seo Cesarino não conseguia ficar quieto, Pedro Mourão era “capaz de ficar quieto no inferno”. A primeira fala recortada pelo narrador vem confirmar essa hipótese, pois mostra Pedro Mourão dizendo: “O que eu estou caçando é sossego...” (ROSA, 1969, p. 111). Além do mais, trata-se de um homem muito calmo, sereno, perseverante, que, mesmo em meio a tantos problemas, pensava “Dinheiro vem, dinheiro vai. Pior é praga de mãe ou de pai...” (ROSA, 1969, p. 114). Mas, apesar de toda sua calma, o desgaste proveniente daquela situação também o abateu – assim como havia acontecido com o dono da venda – e, para ilustrar esse momento de angústia, o narrador, mais uma vez, recorta

aquele que ele havia feito quando ouviu o sinal de otimismo de Seo Cesarino: “Muito. Gostei daquilo, demais, achei toda a clareza. Quem é, tem de ser.” E justifica, mais uma vez, a brusca alteração através da possível aparição do Homem do Pinguelo:

Na boa hora, o Homem do Pinguelo devia de estar com a gente, remiroso, por ali, eu acho. Se diz que ele é velho para surgir, nesse vazo, do jeito, em parada em paragem de beira d’água. Vem só para fazer mercê de presença, conformemente. (ROSA, 1969, p. 115)

Mais uma vez, para fortalecer sua sugestão, ele diz: “Tudo, quanto há, é crendo e querendo: É calando e sabendo...” (ROSA, 1969, p. 115). É com essa fala que ele passa ao relato do encontro das duas personagens. Mourão decide ir com ele até o arraial, onde conhece Seo Cesarino, a venda, e acaba por ver coisas boas onde Seo Cesarino apenas via coisas ruins, por exemplo, nas mercadorias e até mesmo no quadro do pai – cuja presença não deixava o herdeiro da venda prosseguir em seu caminho, diferente daquele almejado pelo pai. Em certo momento, o narrador mostra-nos o seguinte momento em que Mourão fala para si mesmo: “Ah, nem pai, nem mãe. Essas minhas pessoas minhas, que eu nunca tive...”. Vê-se, portanto, que o narrador faz de tudo para deixar bem claro no seu relato que as vidas dos dois protagonistas realmente precisavam se cruzar, para fazerem-se completas. Da mesma maneira, quando Mourão fala sobre sua boiada arruinada para Seo Cesarino, ficamos sabendo – por escolha do narrador – que este logo pensa, também para si mesmo

boa. Chita? E isto aqui... caixa de suspensórios... botina de homem... enxadas... botões de calça... [...] Bom. Ótimo. Bom!” (ROSA, 1969, p. 119). Testando alguns charutos, ele continua: “Especial. Supimpa. Superior...”.

José Reles segue dizendo que, de repente, Pedro Mourão “desceu em cena” e perguntou para seo Cesarino: “O senhor quer barganhar carne podre por fumo podre?” (ROSA, 1969, p. 119) e tal pergunta é seguida de vários comentários do narrador dando a entender, de forma implícita, que tudo era devido à ação da providência, por ele mencionada como o Homem do Pinguelo, no seguinte trecho “Chega que eu entendi. Sei o porquê, sem saber. Hoje, acho que sei. Que, naquela paz de hora, devia de se ter surgido para estar ali, com a gente, o... O desencontrado... O bem-encontrado... O...” (ROSA, 1969, p. 120). Assim se dá a troca, sem maiores explicações por parte de José Reles – apesar das tentativas do narrador não nomeado de compreender melhor o sentido do Homem do Pinguelo – que apenas faz mais comentários acerca do ocorrido. Apesar de não tratar da providência por esse nome, ele se refere a ela de diversas maneiras e, em alguns casos, deixa claro seu modo de pensar em relação à ordem dos fatos na vida de cada um. O que ele havia afirmado na página 101 – “Quem não é, não pode ser. Assim como: não haverá dois cipós que não acabem se emendando” – é o que vemos acontecer no decorrer da narrativa, Seo Cesarino e Pedro Mourão deveriam mudar o rumo de suas vidas pois seus respectivos trabalhos já não faziam mais parte de seus destinos, por isso que os cipós – metáfora da vida – se emendaram, para

almas. São coisas não cridas, acontecidas: são alturas de lua. A gente no préstimo de perseveranças – ao que, beira-rio, tras-rio – caçando o caminho passável. Ao que tem-te aqui, tem-te ali, tem-te aí, lá e cá, tem-te acolá! Ao que: a grande paciência. Era de ver que – o caminho conseguido, ave. (ROSA, 1969, p. 121)

Dessa maneira, José Reles já afirma que os fatos por ele narrados são “coisas não cridas, acontecidas”, ou seja, que aconteceram independentemente de acreditarem nelas ou não, portanto, mostrar, nesse caso, pode ter um resultado mais forte do que simplesmente defender uma crença, uma fé. O nome que foi dado a ela, fica em segundo plano, seja providência ou Homem do Pinguelo, o que importa é que são fatos que demonstram que é preciso ter paciência e fé. Ademais, é preciso ressaltar a importância do otimismo por parte das personagens, o que fica claro na mudança de tom das falas citadas nessa análise. Vê-se que elas chegam a uma situação da qual já não sabem mais como sair e, a partir desse momento, resolvem deixar as coisas acontecerem e, mesmo em meio a tantas dificuldades, elas enunciam frases positivas – como aquelas que destacamos para esta análise –, o que atrai a possível aparição do Homem do Pinguelo, metáfora da providência divina. Segundo Maria Célia de Moraes Leonel em *Guimarães Rosa Alquimista: processos de criação do texto* (1985, p.195)

Sendo a fala positiva das personagens – em si um ato de esperança e coragem – considerada como capaz de atrair o Homem do Pinguelo, chega-se a pensar na reiteração de uma crença visível na obra de Guimarães Rosa: o valor e a força da manifestação da vontade.

e tudo torna-se possível “desde que se ponham em ação as potências indestrutíveis do desejo” (BOSI, 1988, p.30)

A vontade, como vimos, faz com que a ação providencial se dê e, a partir dela, ocorre uma mudança na vida das personagens. É por isso que José Reles encerra seu relato dizendo “A gente vive em viagem. Eu – eu não fui eu quem me comecei. Eu é que não sei dos meus possíveis” (ROSA, 1969, p. 125), afirmação que retoma o mesmo sentido expresso no primeiro parágrafo quando o narrador não nomeado diz que “*o espaço é o avesso de um silêncio onde o mundo dá suas voltas*”; ambas afirmações nos levam a pensar na possível existência dessa ação providencial que age como força ordenadora “dos possíveis” de cada um e cuja ação – as “voltas” a que se refere o narrador não nomeado – se dá no silêncio, sem que ninguém atente para o seu processo, mas cujos resultados podem ser reconhecidos nas bruscas alterações ou mutações que estão, segundo o narrador não nomeado, “*amarradinhas sempre ao invisível, ao mistério*” (ROSA, 1969, p.101).

Considerações finais

O levantamento e a análise das formas de atuação da providência divina em “Substância”, “Seqüência”, “Arroio-das-antas” e “A estória do Homem do Pinguelo” permitiu-nos identificar de que modo essas quatro composições representam, através de personagens, situações e histórias distintas, uma mesma crença na influência da ação providencial nos momentos em que as personagens necessitam passar por um processo de purificação, de amadurecimento espiritual, para encontrarem o que lhes estava reservado.

Apesar das especificidades de cada uma das narrativas selecionadas para este estudo, vimos que alguns traços aparecem em todas elas e, graças a eles, conseguimos identificar um percurso recorrente da possível atuação da providência divina em diferentes circunstâncias. Entre esses traços encontram-se: o primeiro parágrafo extremamente sugestivo e indicativo do que será desenvolvido no decorrer da narrativa; a personagem-aprendiz, que recebe esse nome porque deverá passar pelo processo de purificação; a aceitação das dificuldades e o posterior desejo de mudança por parte dessa mesma personagem; o elemento mediador que tem como função estabelecer a ligação entre a personagem-aprendiz e o seu destino; a descrição das dificuldades pelas quais passa a personagem-aprendiz antes da ação providencial; a disseminação dessa mesma ação no decorrer da narrativa por meio de indícios e frases

envolvidas ganham, de alguma forma, por participarem da ação providencial: em “Substância”, tanto Maria Exita quanto Sionésio aprendem e avançam espiritualmente; em “Seqüência”, tanto a vaquinha pitanga quanto o filho de Seo Rigério atingem seus destinos; n’ “A estória do Homem do Pinguelo”, tanto Pedro Mourão quanto Seo Cesarino aprendem com as dificuldades que lhes são impostas, e um dos narradores – José Reles – sugere nas entrelinhas de seu narrar o que ele também havia aprendido com o caso que presenciou; e, por fim, em “Arroio-das-antas”, a troca entre aprendiz e mestre fica ainda mais clara quando vemos que Drizilda e avó Edmunda precisavam realmente uma da outra para que seus destinos se cumprissem. Sendo assim, vê-se que a enumeração de funções e traços recorrentes que levantamos constituem o fio condutor das narrativas em que a ação providencial encontra-se sugerida. Mas, sobretudo, é na diversidade e nas especificidades de cada história que se encontra a beleza das escolhas rosianas.

A análise dessas composições foi feita a partir da idéia de que elas alegorizam a ação providencial através de um discurso metafórico em que os elementos da narrativa são metáforas que cifram o procedimento da providência divina nas entrelinhas desses sugestivos contos. No que diz respeito à alegoria, tivemos como apoios teóricos Grupo μ , *Retórica Geral* (1974); João Adolfo Hansen, *Alegoria* (1986) e Edward Lopes, *Metáfora: da retórica à semiótica* (1986). O conceito de alegoria adotado resume-se em uma série de metáforas que se

Em “Substância”, o processo de purificação do polvilho, descrito já no primeiro parágrafo da narrativa, é a metáfora do processo de disseminação da ação providencial que, por sua vez, purificará Maria Exita e Sionésio. Nesse caso, a mediadora é Nhatiaga, por ser ela a personagem responsável por levar Maria Exita até a fazenda de Sionésio. A aprendizagem de Maria Exita ocorre por meio do trabalho contínuo com o polvilho – metáfora da ação providencial –, enquanto a aprendizagem de Sionésio se dá através do amor que ele passa a sentir por Maria Exita que o leva a adaptar seus olhos à luz ofuscante do polvilho, ou seja, da providência divina.

Em “Seqüência”, é graças à fuga da vaquinha de coração ativo – mediadora da ação providencial – que o filho de Seo Rigério vai ao encontro do amor que lhe estava destinado. A narrativa tem início com um parágrafo também sugestivo, a partir do qual já sabemos que a vaquinha “vinha pelo caminho como uma criatura cristã”, ou seja, ela está entre as personagens descritas como espiritualmente mais avançadas, aquelas que se portam com resignação e fé diante das dificuldades. Trata-se de mais um dos muitos contos rosianos em que fica clara a atenção que Guimarães Rosa dá aos animais concedendo-lhes – assim como fez com o burrinho pedrês em *Sagarana* – um papel de exemplaridade e revelação. Sendo assim, em seu percurso, a vaquinha “providenciava”, ensinava o filho de Seo Rigério a ter força, a não se entregar e, mais importante que isso, a crer na força da providência divina. Aos

começo e coisa alguma tem fim, já que tudo se passa em ponto numa bola; e o espaço é o avesso de um silêncio onde o mundo dá suas voltas” (ROSA, 1969, p. 99, grifos do autor). Nessa “estória”, dois narradores – José Reles e o narrador não nomeado – são os responsáveis pela disseminação da idéia da ação providencial no decorrer da narrativa e essa disseminação é realizada através da escolha de certos termos que contribuem para a construção do caráter misterioso da história que eles nos contam sobre a troca que foi feita entre Seo Cesarino e Pedro Mourão.

A figura do Homem do Pinguelo, a que se refere José Reles nos momentos decisivos da história, é a metáfora da ação providencial que atua nos caminhos de Seo Cesarino e Pedro Mourão, fazendo com que suas vidas se complementem. O mediador, nesse caso, é José Reles – o narrador homodiegético – porque é ele quem conduz Pedro Mourão até a venda de Seo Cesarino, onde ocorre a troca.

Por fim, em “Arroio-das-antas”, o narrador encerra o primeiro parágrafo da narrativa com a seguinte afirmação: “A alegria de Deus anda vestida de amarguras” (ROSA, 1969, p.17) e é essa a idéia alegorizada na história da personagem Drizilda. Essa personagem que, no início do conto é-nos apresentada em uma situação de extrema carência, passa também por um processo de crescimento espiritual com a mediação das velhinhas como um todo e, particularmente, de avó Edmunda que a abençoa. Com todas as orações que essas velhinhas

mudança que se dá na vida de algumas personagens rosianas – atua nessas personagens e nos respectivos mediadores, conduzindo-as ao momento de iluminação, de revelação, a partir do qual elas terão uma nova vida

Dessa forma, buscamos levantar e analisar nos contos presentes nos três livros de “estórias” escritos por Guimarães Rosa, tanto os aspectos recorrentes quanto as diferenças existentes no processo de atuação dessa força providencial, sempre com a preocupação de fugir do dogmatismo e do tom categórico. Uma vez que é clara a importância da religiosidade – em suas mais diversas formas de manifestação – na obra rosiana de modo geral e nessas narrativas em particular, nosso trabalho tem que se ater a esse fundamento religioso e, ao fim do estudo, percebemos que as histórias analisadas nos reportam ao transcendente.

Diante dessas narrativas em que tudo se realiza na tradição do happy end – incluindo-se a predisposição dos protagonistas para a mudança e a presença de mediadores – é preciso lembrar que, como afirma Bosi em *Céu, inferno*, o que aproxima Guimarães Rosa do mundo mineiro é a perspectiva da religiosidade popular que, portanto, consiste na sua forma de ver o mundo e não em uma forma de alienação como alguns estudiosos afirmam. Segundo Benedito Nunes em “De *Sagarana* a *Grande sertão: veredas*” (1998, p. 258), a ficção rosiana atua como “meio de depuração religiosa do homem, graças ao efeito anagógico sobre o leitor da narrativa poeticamente trabalhada, cuja linguagem, de ressonância contemplativa e de

É por isso que Guimarães Rosa nos leva a refletir acerca de mistérios universais, afinal, como afirma o narrador de “O espelho”, “Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo”. (ROSA, 1968, p.71)

Referências

- AQUINO, T. de. Suma teológica. São Paulo: Loyola, 2001. v. 1. parte 1 – questões 1-43.
- ARAÚJO, H. V. de. O espelho: contribuição ao estudo de Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarim, 1998.
- BORGES, J. L. A metáfora. In: _____. Esse ofício do verso. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 29-49.
- BOSI, A. Céu, inferno. In: _____. Céu, inferno. São Paulo: Ática, 1988. p. 10-32.
- BUSATTO, L. O amor alado em *Grande Sertão: Veredas*. In: _____. Amor de asas e outros ensaios. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. p. 43-58.
- CASCUDO, L. da C. Dicionário do folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1972.
- CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- DUBOIS, J.; EDELINE, F.; KLINKENBERG, J. M.; MINGUET, P.; PIRE, F.; TRINON, H. Retórica Geral. São Paulo: Cultrix, 1974.
- FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.
- GOULART, A. T. Veredas do imaginário: a busca da gênese da criação em Guimarães Rosa. In: TELAROLLI, S.; LEONEL, M. C.; GOBBI, M. V. Z. (Org.). Narrativa e representação.

LEONEL, M. C. de M. Guimarães Rosa alquimista: processos de criação do texto. 1985. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

____. Guimarães Rosa: *Magma* e gênese da obra. São Paulo: UNESP, 2000.

LOPES, E. Metáfora: da retórica à semiótica. São Paulo: Atual, 1986.

MATEUS. Evangelho segundo São Mateus. Tradução dos originais pelo Centro Bíblico Católico. Bíblia Sagrada. São Paulo: Ave Maria, 1992, p.1285-1321.

NASCIMENTO, E. M. F. S.; MAGALHÃES, E. D. A Cinderela do sertão de Guimarães Rosa. Scripta, Belo Horizonte, v.9, n. 17, p.111-121, 2005.

NOGUEIRA, M. C. de G. A construção literária da magia em Guimarães Rosa. 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.

NOVIS, V. Tutaméia: engenho e arte. São Paulo: Perspectiva. 1989.

NUNES, B. De *Sagarana* a *Grande sertão: veredas*. In: _____. Crivo de papel. São Paulo: Ática, 1998. p. 247-262.

NUNES, B. A viagem. In: _____. O dorso do tigre. São Paulo: Perspectiva, 1969. p.173-179.

PIGLIA, R. Teses sobre o conto. In: _____. O laboratório do escritor. São Paulo: Iluminuras, 1994. p.37-41

REIS, C.; LOPES, A. C. M. Dicionário de teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1988.

____. O burrinho pedrês. In: _____. Sagarana. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951. p. 7-65.

____. A estória do Homem do Pinguelo. In: _____. Estas estórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p. 99-125.

____. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

____. Substância. In: _____. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. p. 151-156.

____. Seqüência. In: _____. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. p. 65-69.

RUNHO, R. C. A memória e o olhar em contos de Primeiras estórias. 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.

SERTILLANGES, A. D. A Providência. In: _____. As grandes teses da filosofia tomista. Braga: Livraria Cruz, 1951. p. 179-208.

SERTILLANGES, A. D. Providence de Dieu. In: _____. Affinités: dix minutes de culture spirituelle par jour. Paris: Fernand Aubier, 1936. p. 48-77.

SPERBER, S. F. Caos e cosmos: leituras de Guimarães Rosa. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p. 81-89.

VALÉRY, P. Poesia e pensamento abstrato. In: _____. Variedades. São Paulo: Iluminuras, 1999. p. 201-218.

Bibliografia consultada

AQUINO, S. T. de. Introduccion a la cuestion 22. In: _____. Suma teológica. Madrid:

Biblioteca de Autores Cristianos, 1957. Tomo I. p. 553-573.

ARAUJO, H. V. O roteiro de Deus: dois estudos sobre Guimarães Rosa. São Paulo:

Mandarim, 1996.

BOSI, A. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. João Guimarães Rosa. In: _____ História concisa da literatura brasileira. São Paulo:

Cultrix, s.d. p. 481-488.

CALOBREZI, E. T. Morte e alteridade em *Estas estórias*. São Paulo: Edusp, 2001.

CANDIDO, A. O homem dos avessos. In: _____. Tese e antítese. São Paulo: Nacional,

1978. p. 119-139.

COVIZZI, L. M. O insólito em Guimarães Rosa e Borges. São Paulo: Ática, 1978.

COVIZZI, L. M. e NASCIMENTO, E. M. F. S. João Guimarães Rosa: homem plural,

escritor singular. São Paulo: Atual, 1988. (Série Lendo)

GENETTE, G. Discurso da narrativa. Lisboa: Vega Universidade, [19--]

LINS, Á. Uma grande estréia. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). Guimarães Rosa. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira / INL, 1991. p.237-242. (Coleção Fortuna crítica, 6).

LORENZ, G. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, E. Guimarães Rosa. Rio de

OLIVEIRA, Franklin de. Revolução roseana. In: COUTINHO, E. F. Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 179-186. (Coleção Fortuna Crítica, 6).

PACHECO, A. Marcas do trágico II: cimos e abismos. In: _____. Lugar do mito: narrativa e processo social nas *Primeiras estórias* de Guimarães Rosa. São Paulo: Nankin, 2006. p. 163-177.

PROENÇA, M. C. Trilhas no Grande Sertão. In: _____. Augusto dos Anjos e outros ensaios. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. p.151-241.

ROSA, J. G. Tutaméia: terceiras estórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

_____. Sagarana. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

_____. Estas estórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

_____. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

SEIDINGER, G. M. Guimarães Rosa ou a paixão de contar: narrativas de *Sagarana*. São Paulo: Scortecci, 2004.

SIMÕES, I. G. Guimarães Rosa: as paragens mágicas. São Paulo: Perspectiva, s/d.